

ENTREVISTA

A criação do Conselho Temático de Assuntos Legislativos (CAL), sob o comando do 1º vice-presidente da Fieg, André Baptista Rocha, inaugura nova fase na atuação da Federação na defesa do setor produtivo, como ele explica em entrevista à *Goiás Industrial*.



PANDEMIA

Fieg atua para preservar vidas e a economia

COMBATE À FOME

Fieg + Solidária ultrapassa 200 t de alimentos e chega a 32 mil pessoas

Mala Direta
Básica

9912352020/2014-DR/GO

FIEG



Goiás Industrial

ANO 69 / N.º 299 / JUNHO 2021

REVISTA DO SISTEMA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE GOIÁS



FIEG 70 ANOS

BOAS-NOVAS DA INDÚSTRIA GOIANA

SENAI GOIÁS, NÚMERO 1 DO PAÍS E NOTA MÁXIMA NO MEC

Sesi Goiás é tri no Festival Nacional de Robótica

Observatório Fieg, fonte de informação confiável

Fieg instala postos avançados do CIN em polos industriais



PELO FUTURO DA INDÚSTRIA



Fundada em 1950

CURSOS TÉCNICOS SENAI

Você + preparado
e ganhando mais.
Um Campeão.

senaigoias.
com.br/tecnicos
4002-6213



Capa

20 / Um programa de investimentos vigoroso, que permitiu modernizar suas unidades operacionais e incrementou as áreas de inovação e tecnologia, colocou o Senai Goiás na primeira colocação entre os regionais do sistema em todo o País. A liderança foi confirmada em 2020 pelo sistema de avaliação Regras de Desempenho, realizado anualmente pelo Departamento Nacional do Senai.

Comércio exterior

30 / Com presença em Goiânia e Anápolis, o Centro Internacional de Negócios (CIN abre postos avançados em Itumbiara, no Sul do Estado, e em Catalão, no Sudeste, em instalações das Escolas Senai locais. Seus serviços estarão disponíveis em breve também em Rio Verde, Barro Alto e Niquelândia.

Observatório Fieg

34 / Como parte da série de eventos programados para celebrar seus 70 anos, a Fieg, em parceria com o IEL Goiás, lança ferramenta que disponibiliza informações estratégicas e confiáveis sobre regiões e municípios de Goiás. Numa homenagem ao ex-prefeito de Goiânia e ex-governador do Estado, o Observatório Fieg ganhou o nome de Iris Rezende.

Formação de pessoal

42 / Considerado hoje como o principal projeto de extração competitiva de terras raras fora da China, tocado em Minaçu pela Mineradora Serra Verde, tem o Senai Goiás como parceiro primordial no oferecimento de suporte tecnológico e na formação de mão de obra especializada.

Made in Goiás

56 / Surgida quase por acaso, a Milky Moo, indústria de milk shake que teve sua primeira loja própria montada em plena pandemia da Covid-19, já contabiliza a abertura de outras três unidades em shoppings de Goiânia, além de franquias em Anápolis, Rio Verde, Valparaíso e, fora de Goiás, em São José do Rio Preto (SP), Manaus e Curitiba.

FIEG 70 ANOS

BOAS-NOVAS
DA INDÚSTRIA
GOIANA

**SENAI GOIÁS, NÚMERO 1
DO PAÍS E NOTA
MÁXIMA NO MEC**



OPINIÃO

5 / A indústria nossa de cada dia, por Sandro Mabel

6 / Indústria aliada do meio ambiente, por Flávio Rassi

7 / Fieg + Solidária: a semente germinou, por Raquel Ribeiro

8 / A importância de uma certificação de qualidade, por Thais Laura Carlos dos Santos

9 / A decisão do STF sobre a Lei Kandir, por Eduardo Zuppani

Entrevista

11 / A partir da criação do Conselho Temático de Assuntos Legislativos (CAL), afirma o 1º vice-presidente da Fieg, André Baptista Rocha, que também dirige o colegiado, a federação assume papel mais proativo na defesa dos interesses do setor produtivo.

Combate à pandemia

14 / Desde os primeiros casos da Covid-19, a Fieg estruturou um conjunto de ações para, a um só tempo, preservar a saúde e assegurar a preservação de empregos, com a continuidade das atividades industriais no Estado de forma segura e responsável.

Fieg + Solidária

16 / A Fieg + Solidária, projeto de responsabilidade social da federação

conduzido pela advogada **Raquel Ribeiro**, esposa de **Sandro Mabel**, beneficiou mais de **32 mil** pessoas.



Ensino superior

22 / Além de conquistar a primeira colocação nacional, o Senai Goiás comemora o credenciamento pelo MEC da Faculdade Senai Fatesg, no Setor Universitário, em Goiânia. Referência na área de tecnologia, a escola recebeu a nota máxima 5 para a oferta de cursos de graduação e pós-graduação na modalidade de Educação a Distância (EaD).



Robótica

24 / Confirmando favoritismo diante de recentes conquistas nacionais e internacionais na área, estudantes do Sesi e Senai Goiás brilharam no Festival Nacional de Robótica, disputado virtualmente, e sagraram-se tricampeões, fazendo aumentar o interesse de indústrias por contratar jovens egressos de escolas das instituições.

Encontro com prefeitos

38 / O projeto Encontro Indústria e Desenvolvimento Regional, articulado pela Fieg, coloca à disposição das prefeituras ferramentas para modernizar a gestão e explorar oportunidades de geração de emprego e renda em todo o Estado.

CONEXÃO

Indústria + Conectada

Diante da ameaça de um apagão de mão de obra na área de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), a Fieg e o Senai reagem com estratégia ousada, ao anunciar o **Programa Indústria + Conectada**, com desafio de formar quase 100 mil profissionais nos próximos cinco anos em Goiás e além fronteira do Estado, por meio de formação híbrida (presencial e ensino a distância – EaD).

**LEIA MAIS
em Goiás
Industrial
Pauta Extra**





Federação das Indústrias do Estado de Goiás

SISTEMA FIEG

Federação das Indústrias do Estado de Goiás

Presidente: Sandro Mabel

Superintendente: João Carlos Gouveia

SESI

Serviço Social da Indústria

Diretor Regional: Sandro Mabel

Superintendente: Paulo Vargas

SENAI

Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

Presidente do Conselho

Regional: Sandro Mabel

Diretor Regional: Paulo Vargas

IEL

Instituto Euvaldo Lodi

Diretor: Hélio Naves

Superintendente: Humberto Oliveira

DIRETORIA DA FIEG (2019-2022)

Presidente: Sandro Mabel

1º Vice Presidente:

André Luiz B. Lins Rocha

2º Vice Presidente: Flávio Santana Rassi

1º Diretor Secretário:

Célio Eustáquio de Moura

2º Diretor Secretário:

Jerry Alexandre de Oliveira Paula

1º Diretor Financeiro:

Heribaldo Egidio da Silva

2º Diretor Financeiro: José Divino Arruda

Presidente da Fieg Regional Anápolis:

Wilson de Oliveira

Diretores

Alyson José Nogueira

Anastácios Apostolos Dagios

Bruno Franco Beraldi

Domingos Sávio Gomes de Oliveira

Edilson Borges de Sousa

Eduardo Bilemjian Filho

Eliton Rodrigues Fernandes

Elvis Roberson Pinto

Emílio Carlos Bittar

Enoque Pimentel do Nascimento

Gilberto Martins da Costa

Heitor de Oliveira Nato Neto

Hélio Naves

Jair José de Alcântara

Jair Rizzi

Jaques Jamil Silvério

Joaquim Guilherme Barbosa de Souza

José Antônio Vitti

José Luiz Martins Abuli

Laerte Simão

Leandro Luiz Stival Ferreira

Marcelo de Freitas Barbosa

Marcos André Rodrigues de Siqueira

Olavo Martins Barros

Otávio Lage de Siqueira Filho

Robson Peixoto Braga

Sérgio Scodro

Wilson de Oliveira

Conselho fiscal

Jaques Jamil Silvério

Roberto Elias Fernandes

Otávio Lage de Siqueira Filho

Conselho de representantes junto à CNI

Sandro Mabel

Paulo Afonso Ferreira

Conselho de Representantes junto à Fieg

Alyson José Nogueira

Álvaro Otávio Dantas Maia

Anastácios Apostolos Dagios

André Lavor Pagels Barbosa

André Luiz Baptista Lins Rocha

Antônio Alves de Deus

Antônio Benedito dos Santos

Bruno Franco Beraldi Coelho

Carlos Alberto Vieira Soares

Carlos Roberto Viana

Célio Eustáquio de Moura

César Valmor Mortari

Domingos Sávio G. de Oliveira

Edilson Borges de Sousa

Eliton Rodrigues Fernandes

Elvis Roberson Pinto

Emílio Carlos Bittar

Ernani Martins Almeida

Eurípedes Felizardo Nunes

Fábio Rassi

Heitor de Oliveira Nato Neto

Hélio Naves

Heribaldo Egidio

Ian Moreira Silva

Jaime Canedo

Jair José Antônio Borges

Jair José de Alcântara

Jair Rizzi

Jaques Jamil Silvério

Jerry Alexandre de Oliveira Paula

João Essado

José Carlos Garrote de Sousa

José Divino Arruda

José Lima Aleixo

José Luiz Martin Abuli

José Nivaldo de Oliveira

Laerte Simão

Leopoldo Moreira Neto

Lúcio Monteiro dos Santos

Luiz Antônio Gonçalves Fidelis

Luiz Antônio Nogueira

Luiz Antônio Vessani

Luiz Carlos Borges

Luiz Carlos de Castro Abreu

Luzia de Cássia Alencar Siqueira

Marcelo de Freitas Barbosa

Marcelo Reis Perillo

Marcos André R. de Siqueira

Marcus Brandão de Lima e Silva

Mário Barbosa de Arruda

Marley Antônio Rocha

Nicolas Lima Paiva

Nilo Bernardino Gomes

Olavo Martins Barros

Osnei Valadão Marques

Otávio Dantas Maia

Otávio Lage de Siqueira Filho

Pedro de Souza Cunha Júnior

Robson Peixoto Braga

Sandro Mabel

Silvío de Souza Naves

Valdenício Rodrigues de Andrade

Wilson de Oliveira

Conselho Temático de Infraestrutura

Presidente: Célio Eustáquio de Moura

Conselho Temático de Relações do Trabalho

Presidente: Marley Antônio da Rocha

Conselho Temático de Micro e Pequena Empresa

Presidente: Jaime Canedo

Conselho Temático de Agronegócios

Presidente: Marduk Duarte

Conselho Temático de Comércio Exterior e Negócios Internacionais

Presidente: Emílio Bittar

Conselho Temático Fieg Jovem

Presidente: Thais Aparecida Santos

Conselho Temático de Assuntos Tributários (CTAT)

Presidente: Eduardo Cunha Zuppani

Conselho Temático de Assuntos Legislativos (CAL)

Presidente: André Luiz Baptista Lins Rocha

Câmara Setorial de Mineração

Presidente: Wilson Borges

Câmara Setorial da Indústria da Construção

Presidente: Sarkis Nabi Curi

Câmara Setorial de Alimentos e Bebidas (Casa)

Presidente: Carlos Roberto Viana

Rede Metrológica

Presidente: Melquiades da Cunha Neto

Comitê da Indústria de Defesa e Segurança de Goiás (Comdefesa)

Presidente: Anastácios Apostolos Dagios

Câmara Setorial da Moda

Presidente: José Divino Arruda

Fieg + Solidária

Presidente: Raquel Ribeiro

CONSELHOS TEMÁTICOS

Conselho Temático de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação

Presidente: Heribaldo Egidio

Conselho Temático de Meio Ambiente

Presidente: Flávio Rassi

EXPEDIENTE

Goias Industrial
REVISTA DO SISTEMA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE GOIÁS

Direção e Coordenação de jornalismo
Sandra Persijn

Edição
Lauro Veiga Filho e Dehovan Lima

Reportagem
Andelaide Lima, Sérgio Lessa, Daniela Ribeiro, Luciana Amorim, Tatiana Reis, Renata Santos e Thauany Monma

Colaboração
Januária Guedes Cordeiro

Fotografia
Alex Malheiros

Projeto gráfico
Jorge Del Bianco

Capa, ilustrações e diagramação
Jorge Del Bianco

Impressão
Gráfica Kelps

Departamento Comercial
(62) 3219-1710

Redação e correspondência
Av. Araguaia, nº 1.544, Ed. Albano Franco, Casa da Indústria - Vila Nova CEP 74645-070 - Goiânia-GO
Fone (62) 3219-1300 - Fax (62) 3229-2975

Home page: www.sistemafieg.org.br
E-mail: ascorn@sistemafieg.org.br

As opiniões contidas em artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista



A indústria nossa de cada dia



“ Em Goiás, a indústria tem se mostrado alicerce da manutenção e geração de empregos. Mesmo diante da grave crise econômica, a Fieg orientou as empresas industriais que não demitissem, que aderissem a programas de auxílio do governo federal e que incentivassem, sempre que possível, o home office.”

SANDRO MABEL, presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg) e dos Conselhos Regionais do Sesi e Senai

Do pãozinho do café da manhã ao IFA (Ingrediente Farmacêutico Ativo), insumos para produção de vacinas que estão no centro do gigantesco desafio da imunização contra a Covid-19, igualmente comuns na fabricação de qualquer fármaco, a indústria está presente em tudo. Ela acompanha a gente desde que nascemos, por toda a vida, e está presente no nosso cotidiano, das mais variadas formas. Por sua amplitude, abrange os mais diversos tipos de mercados, cadeias produtivas, que vão desde alimentos a energia elétrica, construção civil, combustível, calçados, embalagens, fármacos, mineração e vestuário.

Quando, no início da pandemia, há pouco mais de um ano, como presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), lutamos para que o governador incluísse a indústria como atividade essencial, era exatamente devido ao complexo encadeamento e a complementariedade dos processos produtivos dentro da indústria de transformação. Foi a indústria que garantiu a cada um que pôde ficar em casa o conforto para que pudesse cuidar de si e de todos os que ama. Assim como profissionais de saúde, transporte e da segurança pública, os trabalhadores da indústria tiveram que vencer o medo diariamente, deixando seus familiares em casa para, com todo o cuidado e segurança,

trabalhar para que não faltasse nada na casa de ninguém. Verdadeiros heróis no combate à Covid-19.

Nesse momento de pandemia, cujos efeitos nefastos com perda de vidas, quebra de empresas e fechamento de empregos perduram na exata proporção da demora da vacinação da população, precisamos debater o papel da indústria na vida de todos nós. Em Goiás, a indústria tem se mostrado alicerce da manutenção e geração de empregos. Mesmo diante da grave crise econômica, a Fieg orientou as empresas industriais que não demitissem, que aderissem a programas de auxílio do governo federal e que incentivassem, sempre que possível, o home office.

A indústria proporciona saúde. Cedemos, em regime de comodato, a diversas prefeituras, mais de 200 capacetes Elmo, ferramenta eficaz para garantir oxigenação do paciente em casos menos grave da Covid. Adquirimos um ultra freezer e colamos à disposição do governo de Goiás para guardar as doses da vacina Pfizer. A indústria proporciona educação e emprego: no ano passado, oferecemos mais de 20 mil matrículas em cursos de qualificação gratuitos, por meio do programa Indústria + Forte, cuja repercussão positiva levou-nos a lançar, agora, a segunda edição, com mais 22 mil vagas, igualmente gratuitas, na modalidade de Ensino a Distância (EaD).

Abrimos oportunidades de trabalho tanto para o jovem aprendiz quanto para aqueles que não concluíram os estudos, mas que sonham com uma vida melhor. Tudo isso é a indústria que faz!

É por tudo isso que, em Goiás, comemoramos não apenas o Dia da Indústria (25 de maio), mas incorporamos uma “Semana da Indústria” tantas são as atividades em unidades do Sistema Fieg, Sesi, Senai e IEL, oportunamente quando reverenciamos os 70 anos da Fieg. Você também faz parte dessa festa. Um viva para a indústria! ■

* Artigo publicado no jornal O Popular em 24/05/2021



Indústria aliada do meio ambiente

“Goiás tem muitas indústrias sustentáveis, cujos produtos conquistam o mercado doméstico e o mundo exatamente por essa característica, por agregar esse valor.”



Alex Mathieiros

FLÁVIO RASSI, vice-presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg) e presidente do Conselho Temático de Meio Ambiente

Estamos na 4ª Revolução Industrial, em que inovação e tecnologia são palavras de ordem, aliadas à busca de processos produtivos cada vez mais sustentáveis, que respeitam o meio ambiente e a sociedade que consome produtos e serviços dos vários segmentos industriais.

A Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), seu Conselho Temático de Meio Ambiente e sindicatos industriais incentivam, nas organizações, a produção sustentável, tanto em respeito ao consumidor e à preservação das matérias-primas quanto por uma questão de sobrevivência dos negócios. É um círculo virtuoso de desenvolvimento e preservação da vida, ou seja, quanto mais sustentável, quanto maior a mitigação dos impactos ambientais, mais valor iremos gerar para os empreendimentos e população.

Agora mesmo, uma má notícia requer atenção de toda a sociedade, que é a baixa vazão do Rio Meia Ponte, a pior em três anos. Além de Goiás, há alerta de emergência hídrica para o período de junho a setembro em São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e no Paraná. É o primeiro alerta dessa natureza em 111 anos. Longe ainda do início do período chuvoso, acende luz amarela também para a indústria, que utiliza recursos hídricos em várias atividades. O dever de casa para as indústrias que ainda não o fizeram: adequar estratégias de reuso da água, coleta da

água da chuva e contenção do desperdício de energia com a otimização dos processos produtivos não somente visando produtividade e lucro direto, mas também em relação à sustentabilidade empresarial nos pilares ambiental, econômico e social. É nossa principal mensagem no Dia Mundial do Meio Ambiente (5 de junho).

Goiás tem muitas indústrias sustentáveis, cujos produtos conquistam o mercado doméstico e o mundo exatamente por essa característica, por agregar esse valor.

Tomemos o exemplo da Jalles Machado, em Goianésia, no Centro Goiano. Relatório Anual de Sustentabilidade safra 2019-2020 destaca que a companhia certificou suas duas unidades industriais – Jalles Machado e Otávio Lage – no Renovabio, nova Política Nacional de Biocombustíveis, destinada a expandir a produção no País e contribuir para a redução das emissões de gases do efeito estufa. Além disso, plantou 21 mil mudas nativas e reduziu o consumo de água em montante equivalente para 3,4 cidades do tamanho de Goianésia (de 71 mil habitantes) durante um ano.

Até mesmo segmentos industriais antes estigmatizados, como a mineração, hoje são vanguardistas em sustentabilidade. Afinal, trata-se de empreendimentos de grande porte e com impacto em todo seu entorno. Em Goiás, terceiro polo mineral do País, atrás apenas do Pará e de Minas Gerais, toda a cadeia gera em torno de 175

mil empregos (diretos e indiretos), bem mais da metade dos 307 mil postos de trabalho criados pela indústria no Estado. No comércio exterior, cerca de 20% da balança comercial de Goiás vem da exportação de minérios e derivados.

A economia circular é tema importante na agenda da indústria, diante do entendimento de que a responsabilidade pelo ciclo de vida de um produto deve ser compartilhada entre fabricante, comerciante, consumidor e governo. Quanto mais a indústria investe no trabalhador, quanto mais ela investe em iniciativas sustentáveis, mais ela ganha; ganha toda a sociedade, que hoje não aceita mais ganho individual. O ganho precisa ser coletivo. Temos que gerar valor para todos! ■



* Artigo publicado no jornal **O Popular** no Dia do Meio Ambiente (5 de junho/2021)

Fieg + Solidária: a semente germinou

“ Como entidade representativa de um importante setor da economia, a Federação das Indústrias do Estado de Goiás não se omitiu e atende centenas de famílias, sobretudo neste momento de pandemia, quando há maior vulnerabilidade, com grande número de pessoas sem poder trabalhar e buscar seu sustento devido ao isolamento social”



Fotos: Alex. Mulheres

RAQUEL RIBEIRO, advogada e presidente da Fieg + Solidária

Realizada como um projeto de solidariedade para apoiar pessoas carentes, especialmente para amenizar os efeitos drásticos da pandemia, como desemprego em massa, o programa **Fieg + Solidária** se inspirou nos ideais de cidadania de levar apoio a quem precisa. O objetivo é propiciar alento e esperança a milhares de famílias goianas por meio da doação de alimentos e produtos de limpeza e higiene pessoal.

O nosso projeto conta com a parceria de sindicatos das indústrias e empresários goianos. Contabilizamos nos últimos 30 dias a doação de dezenas de toneladas de produtos, as quais beneficiaram 26 instituições filantrópicas de Goiânia e da Região Metropolitana, que formam rede de parceiros assistidos, responsáveis pela entrega de donativos, incluindo alimentos, kits de limpeza – com água sanitária, desinfetante e detergentes líquidos – e fraldas descartáveis, além de cobertores.

Como entidade representativa de um importante setor da economia, a Federação das Indústrias do Estado de Goiás não se omitiu e atende centenas de famílias, sobretudo neste momento de pandemia, quando há maior vulnerabilidade, com grande número de pessoas sem poder trabalhar e buscar seu sustento devido ao isolamento social.

É muito gratificante poder colaborar



► Casa da Indústria, sede da Fieg, posto drive-thru para distribuição de alimentos pela Fieg + Solidária

para a diminuição da fome em Goiás. Para quem não tem o que comer, receber um pacote de alimentos é como ganhar oxigênio para ir à luta. A alimentação é o bem fundamental para o ser humano. É por isso que sabemos a importância da **Fieg + Solidária**, que tem a marca do compromisso da entidade com o social.

A semente da solidariedade germinou em Goiás e está se tornando uma grande árvore de cidadania e amor ao próximo no programa **Fieg + Solidária**. É com muita alegria e orgulho que nosso trabalho

é reconhecido como exemplo em todo o Brasil. Não por acaso, ao alcançar, no ano passado, a marca 100 toneladas de alimentos arrecadados e distribuídos, em valores de aproximadamente R\$ 1 milhão, o programa de responsabilidade social da indústria foi incluído no Monitor de Doações Covid-19, da Associação Brasileira de Captadores de Recursos (ABCR).

Na plataforma on-line, que acompanha semanalmente a evolução das doações para enfrentamento da pandemia do coronavírus, a campanha tem a companhia do Senai, Sesi e várias empresas, instituições e pessoas físicas regionais e nacionais. Nossa inclusão na plataforma nacional faz aumentar nossa responsabilidade social nesse momento de dificuldades pelas quais estamos passando diante da pandemia. Vamos manter e ampliar as doações para as pessoas necessitadas. ■



Artigo publicado no jornal **O Popular** no dia 2 de julho de 2021

A importância de uma certificação de qualidade para as indústrias de alimentos

Mais de 1 milhão de empresas fecharam suas portas em 2020, segundo o boletim anual do Mapa de Empresas. Em contrapartida, foram abertas mais de 3,3 milhões de empresas no mesmo ano, um aumento de 6,0% em relação a 2019. Os grandes responsáveis por esse crescimento são os microempreendedores individuais (MEI), com 79,3% das empresas abertas no período. Isso mostra que, a despeito da pandemia, a população conseguiu se reinventar e contribuir para a economia.

Ainda segundo o Mapa de Empresas, em Goiás dentre as 124.646 organizações que abriram no ano passado, 31% delas decretaram seu fechamento.

Mesmo diante desse cenário, a indústria de alimentos e bebidas registrou alta de 0,8% em faturamento e 2,7% em produção física em comparação com 2019. Segundo a Associação Brasileira da Indústria de Alimentos (ABIA), apesar de todo cenário de crise gerado pelo novo coronavírus, o desempenho do varejo alimentar compensou a queda e puxou para cima os resultados e, junto com isso, veio a expansão das exportações, que impulsionaram os resultados.

Quando uma empresa se prepara para entrar no mercado internacional e passar a importar e exportar produtos, ela percebe que há uma série de exigências a serem cumpridas para garantir o bom funcio-

namento do comércio exterior. Uma das ferramentas adotadas a nível mundial no comércio exterior são as certificações de qualidade e segurança dos alimentos, que servem como uma espécie de atestado de conformidade que diz ao mercado global se aquela empresa segue as melhores práticas para produção de alimentos seguros.

Um requisito bastante comum observado em processos de exportação e homologação de fornecedores da cadeia produtiva de alimentos tem sido a certificação acreditada em alguma norma reconhecida pelo Global Food Safety Initiative.

O Instituto Senai de Tecnologia em Alimentos e Bebidas, em Goiânia, está apto a apoiar as indústrias com a preparação para certificação nas normas que são certificações reconhecidas em âmbito internacional.

Dentre as diversas opções, a organização deve considerar qual programa de certificação internacionalmente reconhecido melhor atende às suas necessidades. Apesar de fundamentos similares, há algumas diferenças significativas que devem ser consideradas no momento da escolha.

Norma referencial na área da Iniciativa Global de Segurança de Alimentos (GFSI), a Food Safety System Certification (FSSC 22000), ou Certificação de Sistema de Segurança de Alimentos, define os padrões de gestão para organizações envolvidas na cadeia alimentar. Ela é ba-

“**Requisitos estabelecidos visam à qualidade do processo como um todo, desde a produção dos insumos até à chegada às mãos do cliente final, com o objetivo de garantir não somente a qualidade, mas principalmente uma alimentação segura.**”



Alex Mathieiros

THAIS LAURA CARLOS DOS SANTOS, analista de Serviço de Tecnologia e Inovação do Instituto Senai de Tecnologia em Alimentos e Bebidas

seada na ISO 22000, numa especificação técnica do programa de pré-requisitos e nos requisitos adicionais. Os requisitos estabelecidos visam à qualidade do processo como um todo, desde a produção dos insumos até à chegada às mãos do cliente final, com o objetivo de garantir não somente a qualidade, mas principalmente uma alimentação segura.

A norma pode ser implantada e executada em qualquer organização, independentemente de porte, devendo apenas seguir a adequação às normas nacionais e internacionais para a indústria de alimentos, por meio do Sistema de Gestão de Segurança de Alimentos (SGSA).

Por cumprir todos os requisitos higiênico-sanitários, a implantação da norma reduz o número de auditorias fiscais, já que assegura qualidade, higiene e segurança dos alimentos. Além disso, as normas reconhecidas aumentam a competitividade da empresa no mercado, já que, por meio do GFSI (Global Food Safety Initiative), a empresa terá maior abertura para a exportação do produto.

Como saber qual norma escolher? O Instituto Senai de Tecnologia em Alimentos e Bebidas consegue auxiliar as empresas nessa escolha, entendendo e priorizando suas necessidades e de seus clientes, além de ajudar em toda a preparação para a certificação desejada. ■

A decisão do STF sobre a Lei Kandir e o cenário econômico

Em recente decisão, o Supremo Tribunal Federal (STF) julgou que as transferências de mercadorias entre estabelecimentos do mesmo titular não configuram fato gerador da incidência do ICMS, ainda que se trate de circulação interestadual. O julgamento ocorreu por iniciativa do Estado do Rio Grande do Norte, em ação ajuizada pelo então governador Robinson Faria, buscando a declaração de constitucionalidade de dispositivos da Lei Complementar 87/96 (a conhecida Lei Kandir).

O governador potiguar defendia que a opção pela incidência do ICMS nessas operações não traz prejuízos para os contribuintes, na medida em que o montante de tributo debitado no estabelecimento remetente é contabilizado no destinatário, e que a expressão “circulação de mercadorias” não exigiria a ocorrência de um negócio jurídico correlato.

Mas o STF entendeu que a hipótese de incidência do ICMS é a operação jurídica que acarreta a circulação de mercadorias e transmissão de sua titularidade, o que não ocorre nas operações de transferências.

Essa decisão traz grandes impactos para os contribuintes goianos, em especial para aqueles que possuem filiais em outros Estados e que se valeram do planejamento tributário na busca do custo mais adequado. A ausência do ICMS nessas operações irá diminuir o financiamento ou o valor

do crédito presumido desse imposto para os que fazem parte dos programas de incentivos fiscais (Fomentar, Produzir ou Progoiás) ou outro incentivo constante nos Códigos Tributários Estaduais, como também poderá não gerar crédito do imposto para a filial que irá receber o produto em transferência.

Além disso, com a não incidência do ICMS nas operações de transferências poderá ocorrer o estorno dos créditos deste imposto na aquisição de insumos ou produtos acabados de operações já realizadas, na forma do artigo 155, § 2º, inciso II, alínea “b”, da Constituição Federal.

Outros impactos relevantes irão ocorrer, tais como: (i) revisão do planejamento tributário para as operações com CDs e filiais; (ii) impossibilidade do estabelecimento remetente fazer o crédito do ICMS do frete nas transferências; (iii) aumento do estorno do crédito do ICMS do CIAP (Controle de Crédito do Ativo Permanente) em decorrência das operações com não incidência nas transferências; (iv) impacto no modelo de distribuição e logística dos estabelecimentos distribuidores, que, certamente, irão também impactar a logística de distribuição das indústrias.

A Fieg, por intermédio de seu Conselho Tributário, está atenta a essas mudanças e discutirá com empresários e representantes da Secretaria de Economia do Estado de Goiás, que acaba de criar um grupo

“ *A decisão não poderá ser individual por Estado, sob risco de agravamento ainda maior do manicômio tributário em que se tornou o ICMS. Logo, a situação requer que os Estados discutam a questão entre si em busca de harmonia.*”



Alex Mathieiros

EDUARDO CUNHA ZUPPANI, presidente do Conselho Temático de Assuntos Tributários (CTAT-Fieg)

de trabalho para tanto, a real extensão dos impactos e a busca de soluções. De pronto, realizamos com este grupo e mais a Adial uma reunião no início de maio, quando ficou evidente a necessidade de um aprofundamento na questão antes de qualquer decisão e de um levantamento por parte das empresas das implicações em cada setor e em cada empresa. Em estimativa inicial, acredita-se que os setores mais afetados podem ser o sucroalcooleiro, medicamentos, frigoríficos, dentre outros. Igualmente, estima-se queda de receita de R\$ 1 bilhão para Goiás.

E, finalmente, a decisão não poderá ser individual por Estado, sob risco de agravamento ainda maior do manicômio tributário em que se tornou o ICMS. Logo, a situação requer que os Estados discutam a questão entre si em busca de harmonia. O Confaz é de suma importância neste momento, porém não será uma questão simples de equacionar.

Espera-se uma solução apropriada por parte do STF quanto à modulação do efeito da medida e que permita um tempo apropriado para que os Estados façam as adequações necessárias na legislação tributária. É preciso preservar os interesses da indústria goiana.

O CTAT irá acompanhar e discutir com os técnicos da Secom, procurando colaborar com as decisões de modo a preservar os interesses da indústria Goiana. ■

■

“ O grande foco neste momento é em relação à reforma tributária, no sentido de que ela não traga perda de competitividade para as indústrias e principalmente para as indústrias goianas. Estamos acompanhando atentamente e discutindo ”



Quando o ataque é a melhor defesa

Lauro Veiga Filho
Foto: Alex Malheiros

A partir da criação do **Conselho Temático de Assuntos Legislativos (CAL)**, comandado pelo **1º vice-presidente da Fieg, André Baptista Rocha**, a federação assume papel mais proativo na defesa dos interesses do setor produtivo. A estratégia é não apenas acompanhar e debater projetos de lei em tramitação na esfera legislativa, mas propor políticas e medidas de forma a assegurar a competitividade da economia estadual. Em parceria com o **Fórum das Entidades Empresariais do Estado**, a Fieg investiu na aquisição de um software, detalha Rocha, em entrevista à **Goiás Industrial**, que permitirá o acompanhamento de todos aqueles projetos. O investimento faz parte de plano mais amplo, envolvendo articulação entre todas as entidades que compõem o fórum, numa ação orquestrada para propor e incluir temas de interesse dos setores econômicos na agenda das casas legislativas nos principais municípios do Estado, da **Assembleia Legislativa e do Congresso Nacional**, abrangendo a bancada goiana na área federal. “Outra função importante do conselho é trabalhar preventivamente, propor alterações na legislação para simplificar e para dar competitividade à indústria goiana”, acrescenta o também presidente-executivo do Sifaeg/Sifaçúcar.

Goiás Industrial - Quais são seus principais projetos à frente do Conselho Temático de Assuntos Legislativos (CAL) e quais os desafios centrais adiante?

André Baptista Rocha – Entre os principais desafios para o conselho, seguindo o exemplo do CAL da Confederação Nacional da Indústria (CNI), estão o acompanhamento e a observação de todos os projetos de lei em trâmite nas três esferas do Poder Legislativo, incluindo as câmaras municipais, sobretudo a de Goiânia, mas também destacando as prefeituras e câmaras de vereadores de Aparecida de Goiânia e de Anápolis, por exemplo, a Assembleia Legislativa de nosso Estado e os projetos que tramitam na Câmara Federal. Para isso, a Fieg realizou um investimento, juntamente com o Fórum Empresarial, na aquisição de um software para poder fazer todo o acompanhamento desses projetos. Ao mesmo tempo, estruturamos uma assessoria parlamentar não só na Fieg, mas incluindo as demais entidades do fórum, a exemplo da Fecomércio, Adial, Faeg, OCB, Facieg, Acieg e FCDL, que também estruturaram assessorias legislativas. O conselho temático atua não só em nome da Fieg, mas trabalha em prol do

Fórum Empresarial, nos temas que são comuns para as entidades integrantes. Naquilo em que há algum tipo de divergência entre as casas, vamos dizer assim, entre a indústria e os serviços, ou entre a indústria e agricultura, ou entre a agricultura e o comércio, cada entidade fará seu acompanhamento, mas sempre dialogando e resolvendo as questões antes que elas sejam tratadas ou discutidas no âmbito legislativo. Ao mesmo tempo em que precisamos acompanhar e tratar de temas e assuntos de interesse do setor no âmbito legislativo, o propósito é sempre interagir com o Executivo para resolver problemas, para também comunicar outros que possam ser causados com a aprovação de alguma matéria. Outra função importante do conselho é trabalhar preventivamente, propor alterações na legislação para simplificar e para dar competitividade à indústria goiana. Essa inclusive é uma regra, por assim dizer, ou uma determinação do nosso presidente Sandro Mabel (Fieg) e o conselho vai acatar, vai seguir, contando também sempre com a experiência do nosso presidente, que parlamentar tanto aqui em nosso Estado, como deputado estadual, quanto com a atuação que ele teve na Câmara Federal.

Goiás Industrial - Quais temas estão hoje sob o foco da indústria na Assembleia Legislativa e no Congresso? Em que medida esses assuntos trazem alento ou preocupação ao setor industrial?

André Baptista Rocha – Há diversos temas em tramitação na Câmara Federal e mesmo na Assembleia Legislativa de Goiás. No Congresso, temos questões ambientais, trabalhistas e, sobretudo, tributárias. O grande foco neste momento é em relação à reforma tributária, no sentido de que ela não traga perda de competitividade para as indústrias e principalmente para as indústrias goianas. Estamos acompanhando atentamente e discutindo. Tive no dia 29 de junho reunião com o presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP/AL). Nos próximos dias, vamos agendar reunião com o relator da reforma tributária (deputado Aguinaldo Ribeiro, do Progressistas da Paraíba). É importante irmos acompanhando também, ao lado de algumas entidades nacionais e também com a CNI, no caso da defesa dos interesses da indústria, mas sempre também discutindo com o Fórum Empresarial. Cada entidade do fórum faz também sua discussão vertical, internamente. Por exemplo, o comércio discute sempre o tema com a CNC (Confederação Nacional do Comércio), envolvendo assessores legislativos e assessores técnicos, para dar mais fundamentos para a tomada de decisões ou para a defesa de pontos específicos de interesse do setor.

Goiás Industrial - A Assembleia aprovou projeto de emenda proposto pelo governo estadual para encaminhar o enquadramento do Estado ao Regime de Recuperação Fiscal. Como o sr. avalia esse projeto e o próprio Regime de Recuperação Fiscal? Até que ponto as medidas incluídas poderão afetar a política de incentivos fiscais, os investimentos e o setor industrial em seu conjunto?

André Baptista Rocha – Nós acreditamos que a melhor maneira de Goiás retornar a seu equilíbrio fiscal é justamente o aumento da arrecadação, trazendo mais empresas. Precisamos trazer empresas para nosso Estado. Precisamos dar competitividade às empresas aqui instaladas, para que elas possam não apenas manter os empregos, mas continuar trazendo o desenvolvimento econômico e social que nosso Estado demanda, principalmente para as regiões do interior. As políticas de incentivos fiscais têm sua importância para dar competitividade à indústria goiana. A

“ Nós acreditamos que a melhor maneira de Goiás retornar a seu equilíbrio fiscal é justamente o aumento da arrecadação, trazendo mais empresas. Precisamos trazer empresas para nosso Estado. Precisamos dar competitividade às empresas aqui instaladas, para que elas possam não apenas manter os empregos, mas continuar trazendo o desenvolvimento econômico e social ”

redução dos incentivos significa diminuir essa competitividade, o que se traduz em fuga de empresas, com a redução de empregos, com demissões, com fechamento de empresas, num verdadeiro perde-perde. É nesse sentido que nós temos conversado principalmente com a Secretaria da Indústria e Comércio, buscando fomentar algumas cadeias produtivas, tentando agregar valor à produção primária em Goiás para que possamos ser cada vez mais exportadores de produtos industrializados e não apenas de commodities.

Goiás Industrial - A partir da criação do Conselho Temático de Assuntos Legislativos, pode-se prever uma Fieg mais proativa nessa área? Pode-se esperar a apresentação de projetos de lei de interesse do setor, por exemplo? Nesse caso, quais áreas merecerão maior atenção?

André Baptista Rocha – Sim. Como disse anteriormente, um dos desafios do conselho temático (CAL) é justamente o de sermos proativos. Nós esperamos destacar com as mais importantes cadeias produtivas do Estado projetos ou retirar, suprimir algumas legislações existentes, ou modificar no sentido ainda de dar competitividade à indústria goiana para que ela consiga, neste momento, sobreviver, mas, num passo seguinte, crescer e se perpetuar, gerando emprego e desenvolvimento em nosso Estado.

Goiás Industrial - A reforma tributária parece tomar novos rumos no Congresso, com a inclusão de nova tabela para o IR e a proposta de ta-

xação da distribuição de dividendos. Qual sua visão a respeito das propostas em discussão no Congresso?

André Baptista Rocha – Sobre essa questão, nos preocupa muito a proposta de taxação dos dividendos. Acho que é um ponto que chama a atenção. Precisamos reduzir aí a carga tributária em nosso País. Temos aí não só o regime tributário complexo, mas uma pesada carga tributária e também encargos trabalhistas que dificultam, inibem o empreendedor. Em muitos casos, eles estimulam para que as pessoas façam seus investimentos apenas como capital especulativo, em vez de investirem na produção. Então, achamos que é um engano. Estamos nos debruçando sobre o tema e vamos mostrar isso para os deputados de nossa bancada goiana num primeiro momento, mas também estamos trabalhando, com as demais entidades do setor produtivo, para mostrar

que isso terá uma péssima consequência para o empreendedor brasileiro e, conseqüentemente, será um péssimo legado para nossa economia. Temos que destacar a importância de se agregar valor à produção. Nós temos aí os eixos da industrialização dos grãos, e isso tem que ser feito em consonância, em parceria com os produtores rurais, no sentido de podermos valorizar a produção goiana, agregando valor, remunerando melhor o produtor e, ao mesmo tempo, dando competitividade e fazendo crescer nossa indústria. Temos o desafio de industrializar cada vez mais nossos minerais aqui no Estado, também agregando valor para que deixemos de ser meros exportadores de produtos inacabados e possamos também exportar e vender no mercado interno produtos já com o valor agregado. O mesmo se dá na cadeia da moda. Temos importantes confecções em todo o Estado, em Goiânia, igualmente, temos um comércio muito forte na região da Rua 44 e da Avenida Bernardo Sayão e seria muito importante que conseguíssemos parcerias com a Fecomércio, sobretudo, com a Acieg, com todo o Fórum Empresarial, com o Sebrae e com o governo do Estado para que pudéssemos ter uma política de agregação de valor para que possamos destacar essa cadeia da moda e possamos ter um produto “made in Goiás” de melhor valor de venda. É importante também que possamos trabalhar na capacitação dessas empresas, através das estruturas que temos do Sistema S, com apoio do Sebrae, para formalizar esses industriais e esses comerciantes, como disse, agregando valor nessa importante cadeia produtiva.

Goiás Industrial - O País vive novamente o que se desenha como a perspectiva de nova crise hídrica. A Aneel deve aprovar uma terceira bandeira vermelha, que poderá gerar alta de 20% nas tarifas de energia. De que forma essa crise tende a afetar a indústria goiana? Quais os caminhos, em sua visão, para amortecer esses impactos?

André Baptista Rocha – A questão energética traz muitas preocupações para o futuro de nosso País. Nós temos o desafio de crescer. Precisamos crescer nossa economia para diminuir desigualdades, gerar emprego, gerar renda, sobretudo no interior do País. E sabemos que um dos grandes desafios é justamente nossa energia, que além de escassa é cara. Precisamos trabalhar no sentido de valorizar as matrizes energéticas cada vez mais

limpas, mas também ampliar o parque de geração de energia, além de trabalhar ainda no sentido de termos a energia gerada, mas que ela possa ser transmitida e distribuída a todos, para que haja energia disponível e que seja também cada vez mais barata para que possamos cada vez mais melhorar a competitividade das empresas e, ao mesmo tempo, diminuir os gastos da população em geral com o custo de energia. Todos esses pontos devem ser observados.

Goiás Industrial - A aprovação do projeto de privatização da Eletrobras ganhou críticas de vários setores, incluindo a Fiesp. Qual sua posição a respeito? Que efeitos a descotização de usinas já amortizadas poderá trazer para os custos de energia e

como isso afetará a competitividade da economia em geral e da indústria em particular?

André Baptista Rocha – É importante a privatização da Eletrobras. Acharmos que não é papel do governo ficar no setor elétrico. Ele deve ter o papel apenas de regular. Mas nos preocupam realmente o encaminhamento que foi dado à medida provisória (de privatização da empresa), as emendas colocadas, que acabam distorcendo o objetivo final e trazendo alguns pontos que podem onerar não só as empresas, mas o consumidor. Neste momento, estamos atravessando, ao mesmo tempo, uma crise hídrica que pode se transformar também numa crise energética, visto que hoje as principais fontes de abastecimento de energia ainda são nossas hidrelétricas. Então essa é uma discussão séria, urgente, uma discussão que precisa ser vista não só no âmbito

legal e regulatório, em seus aspectos técnicos. Os aspectos econômicos e financeiros envolvidos são muito caros, não só para o setor produtivo, mas para a sociedade como um todo. O Brasil já pagou um preço muito alto em 2001 pelo apagão e não podemos não só ter problemas agora a curto prazo, mas continuar convivendo com esse fantasma que gera uma insegurança não só jurídica, mas uma insegurança para novos investimentos de importantes cadeias produtivas em nosso País. ■

“ **Acharmos que (a proposta de taxaço de dividendos) é um engano. Estamos nos debruçando sobre o tema e vamos mostrar isso para os deputados de nossa bancada goiana num primeiro momento, mas também estamos trabalhando, com as demais entidades do setor produtivo, para mostrar que isso terá uma péssima consequência para o empreendedor brasileiro e, conseqüentemente, será um péssimo legado para nossa economia** ”



► **Sandro Mabel:** Fieg tem atuado sempre com firmeza na defesa da vida e para garantir o funcionamento da cadeia produtiva dos produtos considerados essenciais

FIEG ADOTA ESTRATÉGIA PARA PRESERVAR VIDAS E A ECONOMIA

Federação colocou em marcha uma série de iniciativas, várias delas ainda em vigor, para o enfrentamento da crise sanitária e econômica

Lauro Veiga Filho*
Fotos: Alex Malheiros



Desde o surgimento dos primeiros casos da Covid-19 no País, em março do ano passado, a Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg) adota como estratégia ações práticas e incisivas para não apenas mitigar os impactos cau-

sados pelo Sars-CoV-2 na saúde, mas ainda preservar empregos e assegurar a retomada segura e responsável das atividades industriais em Goiás. Sandro Mabel, presidente da federação, reforça que a Fieg tem atuado sempre com firmeza “na defesa da vida e para garantir o funcionamento da cadeia produtiva dos produtos considerados es-

senciais”, incluindo fármacos, alimentos, produtos de limpeza, entre outros.

“Ainda no início da pandemia, com as restrições impostas por decretos governamentais, muitas famílias desempregadas e sem nenhuma renda, a Federação reuniu esforços com empresários, sindicatos e, por meio da Fieg + Solidária, arrecadou mais de 500 toneladas de alimentos, destinados a famílias em situação de vulnerabilidade social”, afirma. A ação permanece até hoje, todas as segundas-feiras, na Casa da Indús-

tria, onde foi montado posto drive-thru para entrega de cestas básicas a instituições filantrópicas parceiras, responsáveis pela distribuição final.

Num balanço antecipado das ações adotadas até o momento contra a pandemia, **Sandro Mabel** lembra que, por meio do Sesi e Senai, a Fieg promoveu a recuperação de respiradores mecânicos de hospitais do Estado. *“Foram mais de 100 aparelhos consertados. O ano passado foi marcado por serviços que continuam em 2021, como testagens em chão de fábrica e em unidades do Sesi e Senai, teleatendimento, atendimentos médicos, de suporte na implantação de protocolos de saúde e serviços como ‘um radar’ para checar se determinada indústria adotou medidas eficientes para diminuir o risco de contaminação por Covid-19”*, afirma.

Em outra frente, prevendo uma superlotação do sistema público de saúde, a Fieg antecipou-se diante do problema da falta de UTIs e agiu preventivamente com a compra de mais de 100 capacetes de respiração e outra centena, em parceria com o Ministério Público, destinados a cidades do interior goiano. *“A ideia foi agir antes do colapso verificado nas capitais e cidades menores sem leitos de UTI, já que esse equipamento auxilia contaminados pela Covid-19 cuja capacidade pulmonar já estivesse comprometida”*, assinala.

O objetivo é salvar vidas

Em meio ao crescimento dos casos graves de Covid-19 e à escassez de insumos hospitalares para tratamento dos pacientes, **Sandro Mabel** destaca que a entidade, por meio do Senai, lançou em março a campanha Respira Goiás, destinada a ampliar o número de cilindros de oxigênio para o tratamento contra o coronavírus. *“O nosso propósito é salvar vidas!”*. Com esse lema, o



► **Parceria com Ministério Público:** Fieg antecipa-se à crise de superlotação nos hospitais e distribui mais de uma centena de capacetes a cidades do interior do Estado

presidente da Fieg não tem medido esforços para atuar junto ao governo estadual, seja cobrando iniciativas, seja auxiliando com respiradores, cilindros de oxigênio, para que a vida e o acesso à saúde pública sejam garantidos.

Segundo ele, a Fieg desempenha, ainda, papel central para a aprovação do projeto de lei que permite participação direta do setor privado na aquisição de imunizantes. Conforme o projeto, empresas poderão contratar estabelecimentos de saúde que tenham autorização para importar vacinas para realizarem a compra, entre eles, laboratórios, hospitais e farmácias. A proposta abre a possibilidade, também, de aquisição de imunizantes ainda não autorizados pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), mas já devidamente autorizados ou registrados por autoridades estrangeiras da área de saúde reconhecidas e certificadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

“O projeto aguarda apreciação do Senado. Assim que aprovado e sancionado, o setor privado terá condições de comprar e assim vacinar seus colaboradores, dando celeridade à campanha de vacinação e salvando vidas. Entretanto, acompanhamos um esquema de vacinação em Goiás lento,

escasso, com falta de planejamento. O momento é de unir esforços, o setor produtivo quer e pode ajudar, mas para isso acontecer, a lei precisa ser aprovada”, sublinhou.

As contribuições do Sistema Indústria para o Estado não se limitam à saúde, prossegue **Sandro Mabel**. *“Pensando na retomada da economia, a Fieg e o Senai Goiás lançaram a segunda edição do programa Indústria + Forte, iniciativa com vertentes em qualificação profissional e serviços de tecnologia que visa reduzir os impactos socioeconômicos causados pela pandemia e ajudar a retomar o crescimento do setor produtivo”*.

O presidente da Fieg ressalta que são mais de 22 mil vagas gratuitas em 30 diferentes cursos de qualificação profissional a distância (EaD). Com carga horária entre 160 e 300 horas, os cursos oferecidos são os de assistente ambiental, assistente de operações logísticas, operador de tratamento de água e efluentes, supervisor inovados, assistente de distribuição, assistente de planejamento da produção, assistente de suprimentos, auxiliar de custos, ajudante de eletricitas, operador de sistemas de computador, consultor de vendas, entre outros. ■

*Colaboraram **Andelaide Lima** e **Daniela Ribeiro**



Socorro aos vulneráveis

Projeto idealizado por Sandro Mabel e Raquel Ribeiro, presidente da Fieg + Solidária, beneficia mais de 32 mil pessoas, incluindo 24 portadores de xeroderma pigmentoso

Thauany Monma e Dehovan Lima
Fotos: Alex Malheiros

Depois de superar a marca de mais de duas centenas de toneladas de alimentos distribuídos a entidades filantrópicas, em socorro a famílias vulneráveis, mais afetadas pela pandemia, o programa Fieg + Solidária mantém uma rotina intensa em busca de doações e parcerias. As entregas das cestas de alimentos ocorrem sempre às segundas-feiras, na Casa da Indústria, em sistema de drive-thru, reforçando a preocupação sempre presente da Fieg com a segurança sanitária de todos os que participam da iniciativa.

A segunda-feira do dia 14 de junho, no entanto, ganhou caráter ainda mais especial, com a distribuição de donativos, entre outras entidades, à Associação Brasileira do Xeroderma Pigmentoso (AbraXP). *“Toda segunda-feira é um dia especial para nós. É uma alegria entregar esses ‘pacotes de amor’. As ações da Fieg + Solidária têm sido muito importantes, principalmente neste momento de pandemia, em que muitos estão passando por dificuldades financeiras. Graças a Deus, temos uma família Fieg + Solidária incrível e acolhedora. Que Deus*

abençoe nossos parceiros”, destaca **Raquel Ribeiro**, presidente da Fieg + Solidária.

As cestas de alimentos entregues à AbraXP vão beneficiar famílias do povoado de Araras, a 40 quilômetros de Faina, na Região Noroeste de Goiás. Em comunidade com cerca de 800 moradores, 24 pessoas têm o diagnóstico confirmado de xeroderma pigmentoso, ou XP, resultado de uma mutação genética que gera hipersensibilidade à luz e deixa os pacientes até mil vezes mais suscetíveis ao câncer de pele do que as demais pessoas. A taxa de incidência registrada na comunidade – de 1 para cada 40 habitantes – é a maior do mundo, segundo a associação. No mesmo dia, foram igualmente atendidas a Igreja Apostólica Fonte da Vida – Aprisco Ação Social Maanaim, Fama (Fraternidade e Assistência a Menores Aprendizes) e Paróquia Santa Genoveva.

O projeto de solidariedade da Fieg, que tem parceria com sindicatos e indústrias, é financiado por meio de doações de empresas goianas e tem se destacado na ação social realizada no Estado. **Raquel** reforça a importância da contribuição das



empresas para manter o projeto: *“Somos agradecidos pelas doações que recebemos, mas sempre destacamos a necessidade da conscientização das empresas para que mais famílias vulneráveis recebam os pacotes de alimentos da Fieg + Solidária. É importante dar as mãos em sinal de apoio neste momento em que milhares de pessoas lutam contra a fome diariamente”*, enfatizou.

Num balanço ainda preliminar, feito ainda na primeira semana de junho, a Fieg + Solidária já havia distribuído mais de 210 toneladas de alimentos a entidades filantrópicas assistidas pelo projeto, beneficiando 6.450 famílias e cerca de 32.250 pessoas em situação de vulnerabilidade social. Além das cestas de alimentos, foram doados ainda 25 mil litros de leite, 800 quilos de kits de limpeza e mais de 2 mil quilos de frango. No dia 7 de junho, mais de 100 cestas foram entregues a cinco entidades:



► **Sandro Mabel e Raquel Ribeiro:** “Toda segunda-feira é um dia especial para nós. É uma alegria entregar esses ‘pacotes de amor’. As ações da Fieg + Solidária têm sido muito importantes neste momento de pandemia”

Obras Sociais da Irradiação Espírita Cristã (Osiec), Assistência Infantil Dona Lurdes de Melo, Rotary Club de Catalão – 1º de novembro, Centro de Assistência Social de Campinas e Batalhão Maria da Penha.

“É uma ação abençoada que tem beneficiado milhares de famílias goianas. Sinto-me orgulhoso pela realização deste projeto, que ganha força a cada doação realizada e sou grato pela colaboração dos nossos parceiros, verdadeiros heróis”, disse Sandro Mabel, presidente da Fieg. Raquel aproveitou a oportunidade para destacar a importância do trabalho voluntário como forma de desenvolvimento. “É uma honra fazer parte desse projeto que tem alimentado milhares de famílias em situação de vulnerabilidade social. Além disso, as ações nos proporcionam desenvolvimento pessoal. Com a Fieg + Solidária, nós aprendemos o verdadeiro sentido do amor e da empatia. É uma maravilha”, disse Raquel, que tem se dedicado a buscar adesões para o crescimento do projeto, agradeceu a colaboração dos parceiros de solidariedade. “Eu sou grata por toda ajuda que recebemos. Meu coração se enche de alegria ao ver nossas ações chegando cada vez mais longe. Os nossos parceiros são os anjos desse projeto.”



► **Em Aparecida de Goiânia** (da direita para a esquerda), **Raquel Ribeiro, Walkiria Torkarski, Marinalva Carvalho** (Farmácia Artesanal) e **Air Gomes de Moura**, do Centro Espiritualista Irmão do Caminho, acompanham in loco entrega de alimentos para famílias carentes

ESFORÇO RECONHECIDO

Ao receber as cestas doadas pelo projeto, em maio, o pastor Sirleno Cardoso, presidente da Associação Betesda de Educação e Filantropia (Abefil), falou sobre a realidade enfrentada pelas famílias carentes. “Têm pessoas com três, quatro filhos e não têm um litro de leite para tomar. A gente abre a geladeira e não tem nada. Por isso nós viemos até vocês para pedir ajuda e, juntos, matar a fome de tantas famílias”, disse o pastor.

Conforme o padre Leonardo Mendonça, da Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e Santo Expedito, na Região Noroeste de Goiânia,

abrangendo os setores Finsocial, Morada do Sol, Brisas da Mata e setores próximos, “quando chega uma doação como essa da Fieg + Solidária, a gente leva direto para a casa das famílias que acompanhamos. Com certeza, vocês vão aquecer o coração e a barriguinha de muitas crianças e alegrar os olhos de muitas mães e vovós preocupadas com a alimentação de suas famílias”. Para os pastores José Roberto da Silva, da Igreja Evangélica Aliança com Deus, e Luciana Martins, da Igreja Templo de Amor de Deus, igualmente beneficiadas, muitas famílias carentes agora terão o alimento para saciar a fome. ■



► **Padre Leonardo Mendonça, ao centro:** “Quando chega uma doação como essa da Fieg + Solidária, a gente leva direto para a casa das famílias que acompanhamos. Com certeza, vocês vão aquecer o coração e a barriguinha de muitas crianças”

► **Pastor Sirleno Cardoso, com a placa:** “Têm pessoas com três, quatro filhos e não têm um litro de leite para tomar. A gente abre a geladeira e não tem nada. Por isso nós viemos até vocês para pedir ajuda e, juntos, matar a fome de tantas famílias”



FIEG +Solidária

Um S a mais no Sistema FIEG:
S de SOLIDARIEDADE

Faça sua doação de:



**Cestas básicas, máscaras,
álcool em gel, material de
limpeza e higiene.**

Ligue:
62 9 9859-1258



**Doações em dinheiro,
em qualquer quantia.**

CEF (Bco 104)
Títular FIEG
CNPJ 01.618.958 / 0001 - 03
Ag 2512 Cc 942-7 Op 003

Informações: 62 99859-1258
Junte-se a nós! Seja +Solidário!



PELO FUTURO DA INDÚSTRIA



► Sandro Mabel, em visita ao Laboratório de Biologia Molecular do Instituto Senai de Tecnologia em Alimentos e Bebidas, na Vila Canaã, em Goiânia: investimento

SIM, TEMOS O SENAI Nº 1 DO PAÍS

Senai Goiás supera Regionais com orçamento e parque industrial maiores e alcança, em 2020, o topo do **Sistema de Avaliação Regras de Desempenho**, realizado anualmente pelo Nacional para avaliar performance em eficiência e qualidade na educação profissional, tecnologia e gestão

Andelaide Lima e Dehovan Lima
Fotos: Alex Malheiros

Como reflexo dos fortes investimentos feitos em diversas áreas, sobretudo na modernização de unidades operacionais, inovação e tecnologia, o Senai Goiás ficou em primeiro lugar no sistema de avaliação Regras de Desempenho 2020, realizado anualmente pelo Departamento Nacional para avaliar os Regionais pela eficiência e qualidade na educação profissional, tecnologia e gestão. Com o resultado, o regional vai receber prêmio de R\$ 1 milhão para investir em capacitação e melhoria de gestão. O Senai do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, dois regionais com orçamento e parque industrial maiores que Goiás, completaram o pódio, em segundo e terceiro lugares, respectivamente.

A conquista do Regional goiano é expressiva, considerando-se ainda o fato de ter tido desempenho acima de Estados com melhor posição no ranking da contribuição compulsória feita pela indústria, a exemplo de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina e Bahia. O Regional de Goiás já havia subido ao pódio duas vezes nessa avaliação, em 3º lugar em 2013 e 2º em 2015.

Desta vez, Goiás alcançou 155 pontos e se destacou nos indicadores Sustentabilidade em Educação Profissional, Empregabilidade dos Egressos, Recursos Destinados às Atividades-Fim (negócios), Custo Hora-Aluno, Impacto da Folha de Pagamento na Receita, Matrículas em Educação a Distância, Serviços Técnicos e Tecnológicos. Os resultados foram apresentados durante reunião de diretores e gerentes-executivos do Senai, realizada dia 16 de abril, via webconferência, por causa da pandemia.

“É muita alegria para nós ficar à frente de tantos outros Estados com parque industrial muito mais forte e desenvolvido que o nosso. Mas eu sempre acreditei, porque sempre soube que esse é o nosso lugar: o alto do pódio”, disse o presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg) e dos Conselhos Regionais do Senai e Sesi, **Sandro Mabel**.

Ele comemorou o resultado destacando os investimentos realizados na modernização e ampliação das unidades Senai em 2020. *“Em meio às dificuldades enfrentadas no ano passado, pandemia, aperto financeiro e tudo mais, o Senai de Goiás terminou 2020 com o melhor desempenho entre todos os regionais do sistema no País. A conquista é reflexo das melhorias realizadas na instituição. O Senai está cada vez mais moderno e vamos modernizar ainda mais, com novos laboratórios e aquisição de equipamentos que facilitam a vida do industrial, dando celeridade e eficiência aos processos produtivos”,* ressaltou.

► **Instituto Senai de Tecnologia em Alimentos e Bebidas**, em Goiânia, referência para setor industrial de grande relevância em Goiás



Para o diretor regional do Senai e superintendente do Sesi, Paulo Vargas, a premiação, ao mesmo tempo em que é motivo de orgulho e de alegria imensa, “aumenta nossa responsabilidade e nos motiva a fazer mais entregas e com mais qualidade à indústria e à comunidade”. Ele observou que os 15 indicadores avaliados pelo Sistema Senai em nível nacional vêm ao encontro da performance do Regional goiano e a conquista do 1º lugar “coroa o esforço do trabalho das equipes de todas as unidades espalhadas pelo Estado”.

Assim como o presidente da Fieg e dos Conselhos Regionais do Senai e Sesi, **Sandro Mabel**, Paulo Vargas também atribuiu o resultado altamente positivo aos investimentos em modernização e ampliação das unidades no ano passado e projeta sua potencialização para o futuro. Segundo ele já havia adiantado na edição anterior da **Goiás Industrial**, o planejamento desenhado para 2021 e 2022 pelo Departamento Regional do Sesi e Senai prevê investimentos superiores a R\$ 25 milhões – 25% mais do que os R\$ 20 milhões aplicados em 2020 –, para dar continuidade à modernização do parque tecnológico das unidades das instituições em Goiás, abrangendo laboratórios e ambientes de ensino, em soluções digitais, na expansão da educação a distância, além de investimentos nos Institutos de Automação e Alimentos, ambos em Goiânia.



► **Paulo Vargas, diretor regional do Senai:** “Premiação aumenta nossa responsabilidade e nos motiva a fazer mais entregas e com mais qualidade à indústria e à comunidade”

Em 2020, com recursos de um edital do Departamento Nacional, o Instituto Senai de Tecnologia em Alimentos e Bebidas, na Vila Canaã, em Goiânia, instalou um laboratório de biologia molecular, que entrou em operação neste ano, integrando-se à rede nacional do sistema, conhecida como Rede Senai Biomol. Conforme Paulo Vargas, o objetivo é “formar um ecossistema nacional de biologia molecular voltado para saúde e temáticas de bioeconomia”. Num primeiro momento, em caráter emergencial, diante da pandemia descontrolada, o Biomol goiano vem realizando o diagnóstico molecular (RT-PCR) do Sars-CoV-2. Mas, no longo prazo, a proposta é “apoiar a indústria no desenvolvimento de novas rotas tecnológicas, de produtos e processos relacionados à biotecnologia aplicada a diferentes setores industriais”, completou Paulo Vargas. ■

FACULDADE SENAI, NOTA MÁXIMA NO MEC PARA CURSOS EM EaD

Ainda comemorando o 1º lugar em desempenho entre os Regionais do País, o Senai Goiás obtém nova conquista, ao ser credenciado pelo Ministério com nota 5 (em escala de 1 a 5) para oferta de cursos de graduação e pós-graduação

Andelaide Lima
Fotos: Alex Malheiros

Menos de dois meses após ficar em primeiro lugar no sistema de avaliação Regras de Desempenho, realizado anualmente pelo Departamento Nacional (leia nas páginas 34 e 35), o Senai Goiás comemora uma nova conquista. Referência na área de tecnologia, a Faculdade Senai Fatesg, no Setor Universitário, em Goiânia, acaba de ser credenciada pelo Ministério da Educação (MEC) com nota 5 (em escala de 1 a 5) para a oferta de cursos de graduação e pós-graduação na modalidade de Educação a Distância (EaD). O resultado foi alcançado após inspeção on-line realizada pela Coordenação de Avaliação dos Cursos de Graduação e de Instituições de Ensino Superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep/MEC), de 31 de maio a 2 de junho.

“A nota obtida é auspiciosa para o Senai como também para todo o Sistema Indústria de Goiás e, certamente, abrirá novas oportunidades e boas perspectivas para que a entidade seja cada vez mais



► Paulo Vargas e Dario Queija: conquista auspiciosa evidencia que Senai está na vanguarda do processo de ensino-aprendizagem

uma forte parceira da indústria goiana, procurando acompanhar o crescimento do segmento, não só capacitando seus recursos humanos, como também fornecendo subsídios tecnológicos com vistas ao aumento de sua competitividade”, avalia o diretor regional do Senai e superintendente do Sesi, Paulo Vargas.



A avaliação incluiu cinco eixos educacionais exigidos pela Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior (Conaes): planejamento e avaliação institucional, desenvolvimento institucional, políticas acadêmicas, políticas de gestão e infraestrutura.

“É um grande passo para o Senai Goi-



► Inauguração de Laboratório de Inteligência Artificial da Faculdade Senai Fatesg, em novembro: Sandro Mabel atribui a investimentos a conquista da nota máxima no MEC

ás, que consolida sua atuação no ensino superior em consonância com a Indústria 4.0 e o mundo digital. Foram três dias intensos de trabalho realizado por uma comissão do MEC, formada por três professores de duas universidades federais, que analisaram criteriosamente a infraestrutura da unidade e a documentação acadêmica, além da maturidade do ambiente virtual de aprendizagem (AVA)”, ressalta o diretor de Educação e Tecnologia do Sesi Senai, Claudemir José Bonatto.

“Os especialistas do MEC disseram que a faculdade apresenta condições excelentes para executar o projeto educacional que se propõe, possuindo, inclusive, expertise nos fluxos e processos da modalidade de educação a distância”, acrescenta Bonatto.

“Nota máxima é resultado de investimentos”, diz Sandro Mabel

Presidente da Federação das Indús-

trias do Estado de Goiás (Fieg) e dos Conselhos Regionais do Senai e Sesi, **Sandro Mabel** destaca que a nota máxima alcançada pela Faculdade Senai Fatesg no MEC é resultado dos investimentos contínuos feitos na modernização dos laboratórios e da infraestrutura de toda rede Senai de ensino, na realização de aulas práticas voltadas para as demandas do mercado industrial e, também, na valorização do corpo docente.

“O Senai Goiás, que já é o número 1 do Brasil, agora também tem faculdade com nota máxima pelo MEC, antenada com as tendências do mercado industrial. Estamos muito felizes com essa conquista. Isso comprova que temos qualidade e excelência no ensino superior tecnológico”, avalia.

Para Dario Queija de Siqueira, diretor da Faculdade Senai Fatesg e da Faculdade Senai Ítalo Bologna, também na capital, o credenciamento pelo MEC com nota máxima significa que a instituição está na vanguarda do processo de ensino-aprendizagem, com oferta de produtos

tecnológicos e inovadores. “É uma nota diferenciada e difícil de ser conquistada. Poucas unidades do Senai no País possuem nota 5. A avaliação é bastante rigorosa e os critérios são de alto desempenho. Além da análise da documentação e registros, a comissão também fez uma visita virtual em todos os ambientes da unidade em tempo real”, explica.

O Senai atua com formação superior desde 2004, quando foi implantada a então graduação tecnológica em química fármaco-industrial, na Faculdade Senai Roberto Mange, em Anápolis. De lá para cá, a instituição consolidou sua atuação na área, com outras duas faculdades instaladas em Goiânia, passando a oferecer cinco cursos superiores presenciais – o de análise e desenvolvimento de sistemas, automação industrial, manutenção industrial, processos químicos e o de logística –, além de diversas pós-graduações. As três faculdades Senai já são credenciadas pelo MEC, com nota 4. ■

Replay! E o Sesi Goiás é tricampeão

Alunos de escolas do Sesi e Senai Goiás mostram força no Festival Nacional de Robótica, realizado de forma remota, e despertam interesse por contratação de indústrias, como Mitsubishi e John Deere. Presidente da Fieg, Sandro Mabel, anuncia mais investimentos

Dehovan Lima, Daniela Ribeiro e Renata Santos

Fotos: Alex Malheiros e Ivan Ribeiro da Silva

“**R**eplay, o jogo muda quando você decide dar o seu melhor – tecnologia, inovação e inclusão pela qualidade de vida”. **Replay, Replay, Replay!** Estudantes do Sesi Goiás, com idade entre 12 e 18 anos, interpretaram literalmente o tema do Festival Nacional de Robótica, temporada 2020/2021 e não apenas conquistaram o tricampeonato na categoria First Tech Challenge (FTC). Dona da façanha, a equipe **Geartech Sesi Canaã**, de Goiânia, ainda arrebata o Prêmio Inspiração, e outros times goianos tiveram resultados auspiciosos na competição, realizada no fim de junho, de forma totalmente virtual, por causa da pandemia da Covid-19.

O robô desenvolvido pelos tricampeões superou 35 concorrentes e o time foi escolhido para participar do Torneio Internacional da Austrália, que será realizado de 9 a 11 de julho, igualmente de forma remota. O maior torneio de robótica do País, organizado pelo Sesi Nacional, teve participação de 138 equipes e cerca de 800 competidores de escolas públicas e privadas.

Com nove equipes no festival, o Sesi Goiás também subiu ao pódio, em 3º lugar **Champion's Award**, com o time **Titans L. J. Sesi Planalto**, de Goiânia, na categoria First Lego League (FLL), em que teve ainda premiações como **técnico destaque** **Adelayde Moraes**, da mesma equipe, e De-

sempenho do Robô. Eles desenvolveram o **Elastic Move**, aparelho para fazer exercícios físicos em voos e viagens de ônibus de longa duração que ajuda a prevenir trombose venosa.

Na categoria F1 In Schools, o **Prêmio Pensamento Criativo** ficou com o time **Mach One**, do Sesi Planalto.

Sandro Mabel anuncia investimentos de R\$ 15 milhões este ano

Ao tomar conhecimento da performance dos alunos goianos no Festival Nacional de Robótica, o presidente da





► **Tricampeã no Festival Nacional de Robótica, equipe Geartech Sesi Canaã, de Goiânia:** passaporte para o Torneio Internacional da Austrália



► **Time Titans L. J. Sesi Planalto, também da capital, subiu ao pódio em 3º lugar Champion's Award**



“Mais uma vez, nossos alunos do Sesi Goiás mostram ao País a força do ensino diferenciado que nossas escolas oferecem em todo o Estado, em que a robótica educacional é o carro-chefe da metodologia, voltada para o mundo do trabalho, para a indústria, com foco na 4ª Revolução Industrial”

SANDRO MABEL, presidente da Fieg e dos Conselhos Regionais do Sesi e Senai

Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg) e dos Conselhos Regionais do Sesi e Senai, **Sandro Mabel**, usou suas redes sociais para anunciar investimentos de cerca de **R\$ 15 milhões** este ano nas escolas das instituições visando modernizar laboratórios e equipamentos.

“Mais uma vez, nossos alunos do Sesi Goiás mostram ao País a força do ensino



▶ **Equipe Brain Machine, de Catalão, comemora conquista com executivos da HPE Automotores do Brasil (Mitsubishi) e a diretora do Sesi e Senai, Aliana Calaça**

diferenciado que nossas escolas oferecem em todo o Estado, em que a robótica educacional é o carro-chefe da metodologia, voltada para o mundo do trabalho, para a indústria, com foco na 4ª Revolução Industrial”, comemorou.

O resultado, segundo ele, é reflexo dos investimentos que vêm sendo feitos nos últimos anos na modernização das escolas das instituições em Goiás e na valorização do quadro docente, especialmente neste momento de pandemia da Covid-19, em que professores e técnicos tiveram de se reinventar para assegurar, também por meio virtual, a manutenção das aulas, amenizando prejuízos na vida escolar de alunos em todo o Estado.

Mitsubishi e John Deere apostam em alunos do Sesi e Senai

Premiados no Festival Nacional de Robótica, nas categorias First Tech Challenge (FTC) e Juizes (reconhecimento), estudantes da **equipe Brain Machine**, do Sesi Senai Catalão, no Sudeste Goiano, sentiram o ‘gostinho’ de receber, em evento presencial, as medalhas conquistadas em uma disputa realizada totalmente de forma remota. A confraternização levou à Escola Senai dia 1º de julho o diretor industrial da unidade local da HPE Automotores do Brasil (Mitsubishi), Edenilson Ducatti, a gerente de Logística, Luzia Juana, e o



▶ **Ednilson Ducatti,** diretor industrial da HPE Automotores do Brasil (Mitsubishi): “desafio” lançado aos alunos de robótica do Senai Catalão

analista de Processos, André Machado, que já haviam se manifestado em redes sociais sobre o resultado.

Coincidentemente, no mesmo dia festivo marcaram presença nas unidades Sesi e Senai de Catalão os novos gestores da John Deere em Catalão – o gerente e o coordenador de Recursos Humanos, Emanuel Beretta e Arthur Cunha, respectivamente, e o gerente Industrial, Sérgio Bitencourt, além do presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Catalão (Simecat), Carlos Albino de Rezende.

Para Fernanda Maria Nunes, analista de Recursos Humanos da John Deere e ex-aluna do curso técnico em química do Senai, a vitória dos meninos – de quem se

considera “madrinha” – é um passo importante para o desenvolvimento deles. “Quando esses alunos vêm para o mercado, eles chegam na empresa bem mais engajados, pois já viram como tudo funciona e vão querer seguir naquilo, ficam motivados para a carreira no ramo que escolheram.”

Opinião semelhante foi manifestada pelo diretor industrial da HPE Automotores do Brasil (Mitsubishi), Ednilson Ducatti: “A conquista desse prêmio pelos alunos de robótica impacta de modo positivo o futuro profissional deles. Isso porque os jovens estão acostumados ver a vitória dos outros, pela mídia, internet, bem como vibrar com projetos de sucesso de empresas em outros Estados, algo normalmente longe de suas realidades.”

Ele lembrou que, além do orgulho dos jovens terem conquistado o prêmio nacional, a HPE mantém o “desafio” lançado aos alunos de robótica do Senai Catalão. “Cedemos um veículo teleguiado para que eles trabalhem em seu desenvolvimento de sistemas de automatização. A ideia é

de que a máquina cumpra tarefas dentro da fábrica junto ao setor de produção e os alunos estão trabalhando com afinco nisso, paralelamente às suas atividades e preparação para torneios de robótica”, explicou.

O empenho dos estudantes, segundo Ducatti, resulta em oportunidades como ocorreu agora, com a contratação de mais um egresso do Senai. Gustavo Borges, de 18 anos, técnico em automação pelo Senai Catalão, integrou o grupo vencedor de edição em 2019 do Festival de Robótica e, em junho recente, uma semana antes de seus colegas conquistarem o prêmio pelo robô Brain Machine, Gustavo foi contratado para trabalhar na fábrica HPE, unidade Catalão. “Acredito que, da mesma forma que aconteceu comigo, o grupo vencedor deste ano desenvolveu várias competências que vão facilitar e motivar o início de sua vida profissional, encarando desafios em processos seletivos, como solucionar conflitos, relacionamento em equipe, comunicação e diálogo com departamentos diversos de uma empresa e membros de ▶



► **Fernanda Maria Nunes**, analista de Recursos Humanos da John Deere e ex-aluna do curso técnico em química do Senai: vitória em torneios motiva alunos na carreira

“ Me sinto hoje vendo a importância do Senai e do mesmo jeito que ele significou na minha vida, como uma instituição que terá papel valioso e que abre portas na realidade desses jovens.”

LUZIA JUANA, gerente de Logística da Mitsubishi e ex-aluna de técnico em eletromecânica Senai Catalão



► **Gustavo Borges**, ex-aluno do curso técnico em automação do Senai Catalão e integrante do grupo vencedor de edição em 2019 do Festival de Robótica: vaga na fábrica da Mitsubishi

objeto em desenvolvimento. Apenas no final, quando se reuniram para montar o robô, puderam solucionar os problemas.”

Para ela, esse foi o diferencial para a conquista. “Mesmo com as restrições impostas pela pandemia, eles se propuseram, dentro do isolamento que viviam em casa, a ter atitude em buscar e mostrar o conhecimento inovador e que permite tantas conquistas. O resultado é muito bom, mas o caminho e a busca deles são o mais importante. O Senai permite, em todos seus níveis de formação, que o conhecimento chegue. Como profissional e como mãe, me orgulha muito esse prêmio da instituição, pois esses alunos são os profissionais que estarão nas empresas amanhã. Eu me formei na primeira turma do curso técnico de eletromecânica, antes mesmo de 18 anos, o que abriu portas pelo conhecimento. Me sinto hoje vendo a importância do Senai e do mesmo jeito que ele significou na minha vida, como uma instituição que terá papel valioso e que abre

um projeto. Nesta edição, o grupo mostrou que venceu bem a principal dificuldade: trabalhar a automação principalmente de forma on-line”, avaliou.

A contratação de Gustavo Borges foi aposta da gerente de Logística da Mitsubishi, Luzia Juana. Engenheira de produção e administradora, ela igualmente tem no currículo um curso do Senai Catalão, de

técnico em eletromecânica, o que lhe “abriu portas pelo conhecimento”. Também madrinha do projeto destaque no torneio de robótica nacional do Sesi, ela valorizou a vitória, lembrando que os estudantes, na fase de planejamento e de projeto, não puderam identificar alguns erros por estarem todos on-line. “Eles se mantiveram na maior parte do tempo distantes do



► **Instrutores**
Bruna Lays Félix
e Arley
Gonçalves Vieira
exibem robô
Brain Machine,
representantes
dos técnicos de
todo o País:
Prêmio Juizes

portas na realidade desses jovens. Isso eu falo como ex-aluna e como gestora de uma indústria que recebe parte do time desses jovens. Vibro com todas essas conquistas deles”.

Luzia também coordena o projeto AGV (veículo teleguiado) que deve ser concluído este ano por alunos do Senai Catalão, desafio ressaltado por Ednilson Ducatti. “Nesse projeto, iniciado ano passado, eles trabalham numa máquina que se locomove sozinha dentro da empresa e abastece as linhas de produção”, explicou.

Instrutores do Senai Catalão representaram técnicos de todo o País

Não basta ser bom, também é preciso parecer bom! A máxima se aplica à dupla

Bruna Lays Félix, 32, e Arley Gonçalves Vieira, 34, instrutores do Senai Catalão. Coube aos dois não apenas levar o robô Brain Machine, da equipe catalana, à arena de premiação montada no auditório da Confederação Nacional da Indústria (CNI) em Brasília. Com o palco restrito a aproximadamente 60 pessoas, no que antes da pandemia reunia cerca de 2 mil competidores em ginásios, eles também foram escolhidos para representar os técnicos dos times competidores de todo o Brasil na final da competição, com duração de três horas e apresentada pela jornalista Glenda Kozlowski.

“Foi um orgulho participar com nossa equipe representando equipes de todo o Brasil”, ressaltou Bruna, que falou sobre as dificuldades enfrentadas pela equipe que montou o Brain Machine. Formada por “três meninos e três meninas”, ela precisou

ter número reduzido, pois antes da pandemia reunia até 15 estudantes.

“A maior dificuldade nesta edição foi a impossibilidade de nos reunir, pois os alunos tinham de vencer barreiras e adaptar-se a situações que iam surgindo, numa imersão total deles num universo on-line, o que antes não existia. Se antes os estudantes iam pensando e produzindo o robô perto deles, agora o processo de elaboração de sistemas foi primeiramente todo on-line. Eles ficavam em casa e precisaram aprender programas e softwares como Corel Draw e Solid Works para projetar o robô de forma remota e com interações entre eles totalmente virtuais. Apenas no final o grupo se reuniu de modo presencial para a montagem da máquina que tinham projetado.” ■

ONDE TEM SESI E SENAI AGORA TEM CIN

Antes presente em Goiânia e Anápolis, o Centro Internacional de Negócios abre postos avançados em Itumbiara, no Sul do Estado, e em Catalão, no Sudeste, em instalações das Escolas Senai locais. Em breve, serviços como emissão do Certificado de Origem Digital (COD) e declaração de livre venda (DLV) estarão disponíveis também em Rio Verde (Sudoeste), Barro Alto (Centro Goiano) e Niquelândia (Norte), em unidades do Sistema Fieg

.....
Luciana Amorim e Dehovan Lima
 Fotos: Alex Malheiros

Itumbiara, no Sul do Estado, é mais uma cidade goiana a receber um Posto Avançado do Centro Internacional de Negócios da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (CIN/Fieg), instalado na Escola Senai, passando a integrar a Rede CIN presente em todo o País. A ação estratégica, por iniciativa do Conselho Temático de Comércio Exterior e Negócios Internacionais, presidido pelo empresário Emílio Bittar, visa encurtar distâncias: de Goiás para o mundo e vice-versa. Trata-se



▶ **Alca Foods, segunda maior indústria na produção de cereais matinais no País, estreia serviços do CIN Itumbiara, com emissão de quatro CODs e três DLV**



▶ **Johanna Guevara, coordenadora do CIN: facilitar e reduzir custos para as empresas goianas**

de mais um serviço para incentivar as exportações de produtos made in Goiás, por meio da emissão do Certificado de Origem (COD) e declaração de livre venda (DLV). Depois de Itumbiara, em breve também ganharão postos avançados os polos de Rio Verde, Barro Alto e Niquelândia, todos igualmente instalados em unidades do Sistema Fieg.

A implantação do CIN em Itum-



▶ **Sandro Mabel, presidente da Fieg: “A Fieg comemora 70 anos fazendo o bem, entregando mais um serviço destinado a fortalecer nossas indústrias, especialmente neste momento de pandemia, quando o caminho para a internacionalização é estratégico para vencermos a crise”**

biara foi realizada em evento dia 23 de junho, via plataforma Zoom, e reuniu empresários locais e gestores do Sistema Indústria. O mesmo ocorreu em Catalão, dia 7 de julho. Falando a empresários exportadores de Itumbiara, o presidente da Fieg, **Sandro Mabel**, ressaltou a im-



► **Caramuru Alimentos, em Itumbiara, principal grupo brasileiro no processamento de soja, milho, girassol e canola: parceria com Sistema Fieg**

portância da ampliação do atendimento do Centro Internacional de Negócios. “É um momento especial para o Sistema Fieg e para as indústrias de Itumbiara e toda a Região Sul Goiano. Estamos implantando um novo serviço, nesse município que é um dos principais polos industriais de Goiás e onde temos unidades do Sesi, Senai e IEL atendendo outros 13 municípios da região e até de Minas Gerais. A partir de agora, empreendedores locais contam com suporte para emissão do documento Certificado de Origem (COD), sem precisar emitir o documento fora de sua base”, disse. Antes era necessário o empresário vir a Goiânia para fazer a emissão do certificado.

Sandro Mabel destacou a atuação da Fieg em promover o desenvolvimento industrial do Estado. “A Fieg comemora 70 anos fazendo o bem, entregando mais um serviço destinado a fortalecer nossas indústrias, especialmente neste momento de pandemia, quando o caminho para a internacionalização é estratégico para vencermos a crise”, pontuou.

O Centro Internacional de Negócios

da Fieg foi pioneiro na Região Centro-Oeste e o segundo em todo o País a emitir o Certificado de Origem Digital por meio da nova plataforma Sistema COD, que facilitou a prestação do serviço a empresários não apenas atestando a origem de seu produto, mas também assegurando benefícios tarifários em 23 países.

É mais uma facilidade que a Fieg – única autorizada em Goiás pela Associação Latino-Americana de Integração (Aladi) – proporciona ao setor produtivo para incentivar a internacionalização das empresas goianas.

Alca Food e Caramuru aplaudem iniciativa

A coordenadora do Centro Internacional de Negócios (CIN) da Fieg, Johanna Guevara, conduziu o encontro on-line de lançamento do CIN Itumbiara, juntamente com a analista de comércio exterior Juliana Tormin, e reforçou a importância da iniciativa, que fora de Goiânia funcionava apenas em Anápolis. “Nosso objetivo é

“**Trabalhamos com a Fieg e o CIN há algum tempo. Agora não será preciso ir a Goiânia para fazer a emissão do certificado**”

ROBERVAL DIAS MARTINS, da Alca Foods



facilitar e reduzir custos para as empresas goianas. Estamos começando em Itumbiara e iremos avançar também para outros polos importantes, como Rio Verde, Catalão, Barro Alto e Niquelândia”, disse.

“É importante destacar que nosso foco é promover a internacionalização de nossas empresas, sejam elas exportadoras ►

ou importadoras, oferecendo assessoria, estudos de mercado, missões de negócios. Isso significa competitividade para o micro, pequeno e grande empreendedor”, sublinhou Johanna Guevara.

Durante o encontro on-line, o empresário Roberval Dias Martins, da Alca Foods, elogiou a iniciativa e anunciou a estreia dos serviços pela empresa, com a emissão de quatro CODs e de três declarações de livre venda (DLV). Segunda maior na produção de cereais matinais no País, a indústria atua em Itumbiara desde 1996, registrando nos últimos anos expressivos níveis de crescimento. “Trabalhamos com a Fieg e o CIN há algum tempo. Agora não será preciso ir a Goiânia para fazer a emissão do certificado. Vamos gastar poucos minutos para ir ao Senai aqui mesmo e fazer a emissão dos documentos, com economia de tempo e custos”, pontuou.

A opinião foi compartilhada por Margareti Scarpelini, diretora de RH da Caramuru Alimentos, principal grupo brasileiro no processamento de soja, milho, girassol e canola, com unidade em Itumbiara e presente nos Estados do Paraná, de Mato Grosso e São Paulo, atuando ainda nos segmentos animal, industrial, produtos de consumo, commodities, biodiesel e logística. “O Sistema Indústria – Sesi, Senai e IEL – é um grande parceiro da Caramuru e, com certeza, vamos precisar de todo apoio aqui em Itumbiara”, frisou.

Participaram do lançamento do COD os diretores do Senai, Sesi e IEL de Itumbiara, Rodrigo Gonçalves da Silva, Abílio Netto Carneiro, Cristiane Teixeira da Silva, respectivamente, além do presidente da Associação Comercial e Industrial de Itumbiara, Luciano Marques, e empreendedores locais.

“O Sistema Indústria – Sesi, Senai e IEL – é um grande parceiro da Caramuru e, com certeza, vamos precisar de todo apoio aqui em Itumbiara”

MARGARETI SCARPELINI, diretora de RH da Caramuru Alimentos



CIN GOIÁS, PIONEIRO NA EMISSÃO DO COD

O Centro Internacional de Negócios da Fieg foi pioneiro na Região Centro-Oeste e o segundo em todo o País a emitir o Certificado de Origem Digital (COD) por meio da nova plataforma Sistema COD, que facilitou a emissão pelos empresários de documento atestando a origem de seu produto e assegurando benefícios tarifários em 23 países.

O QUE É O CERTIFICADO DE ORIGEM

O Certificado de Origem é o documento que atesta a origem do produto, tornando-o mais competitivo para a empresa exportadora, permitindo a conquista de novos mercados no exterior. Pode conceder redução ou isenção do imposto de importação, além de garantir acesso preferencial ao mercado externo para determinados países. É emitido pelo exportador.



► **Time do CIN Goiás:** Anna Victorya (estagiária), Johanna Guevara (coordenadora), Juliana Tormin, analista de comércio exterior, e Lucas Ferreira (assistente)

Dúvidas no processo de emissão:

Centro Internacional de Negócios de Goiás

- Fone: **+55 (62) 3501-0048**
- Assinatura / Emissão do Certificado em Itumbiara

Escola Senai Itumbiara

- Cassiane Fagundes / Rodrigo Goncalves
- Fone: **+55 (64) 3432-2503**
- Avenida Olívia Garcia Fagundes, número 32, Setor Oeste – Itumbiara-GO ■

IEL,

há 50 anos desenvolvendo
integração e soluções inteligentes



Estágio

Programa Jovem Aprendiz

Recrutamento e seleção

Consultoria em gestão empresarial

Educação Empresarial

Estudos e pesquisas

Observatório de dados

Saiba mais



OBSERVATÓRIO

FIEG

Em busca das melhores alternativas para orientação estratégica e oportunidades o OBSERVATÓRIO FIEG é um transformador de realidade para o mercado.

Sandro Mabel e Iris Rezende no lançamento do observatório da Fieg que leva o nome do ex-prefeito de Goiânia

Observatório Fieg, sua fonte de informação



Fieg e IEL lançam ferramenta que disponibiliza informações estratégicas e confiáveis sobre regiões e municípios de Goiás. Denominação homenageia ex-prefeito Iris Rezende

.....
Sérgio Lessa

Fotos: Alex Malheiros e Silvio Simões

Dentro da série de eventos comemorativos dos 70 anos de sua fundação e do cinquentenário do Instituto Eivaldo Lodi (IEL Goiás), a Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg) colocou no ar dia 18 de maio o **Observatório Fieg Iris Rezende** (www.observatoriofieg.com.br), ferramenta on-line de informações e dados estratégicos destinada a subsidiar tomada de decisões de seu público-alvo. Por causa da pandemia, o lançamento foi realizado de forma híbrida (presencial e on-line, com transmissão pela plataforma Zoom.

“Fico orgulhoso e agradeço a Deus por ter o privilégio de receber essa homenagem tão especial. Goiânia tem um povo muito especial e Goiás merece receber esse Observatório, que espelha o desenvolvimento de nosso Estado e nossa cidade a que tanto tenho amor e apreço”, agradeceu o ex-prefeito Iris Rezende durante a cerimônia, na sede do IEL, no Edifício Pedro Alves de Oliveira, na Vila Nova.

O OBSERVATÓRIO

Um dos principais e mais promissores projetos desenvolvidos pelo Sistema Fieg dos últimos anos, com investimento de R\$ 13 milhões e que durou 13 meses para sua consolidação, o **Observatório Fieg Iris Rezende** é uma ferramenta on-line, atualizada em tempo real, que disponibilizará dados demográficos, econômicos, de educação e relativos ao consumo e à estrutura de distribuição de todas as regiões e municípios de Goiás.

“O observatório é fantástico. Ficou excepcional”, afirmou o presidente da Fieg, Sandro Mabel. “Fizemos questão de colocar os melhores profissionais do Sistema Fieg para, junto com nossos parceiros, desenvolverem uma ferramenta para que todos possam consultar e se orientar com dados oficiais, transparentes e absolutamente confiáveis, sem perigo de estarem se informando com fake news e dados

de procedência duvidosa, para tomarem as decisões em suas empresas e nas suas atividades profissionais. É mais uma colaboração do Sistema Fieg, que está há 70 anos fazendo o bem”, acrescentou.

A ferramenta, desenvolvida pelo IEL Goiás, cruza informações fundamentais para subsidiar análises, pesquisas, estudos, investimentos, avaliações empresariais, matérias jornalísticas e uma gama de possibilidades para o público em geral.

“O Observatório é um importante instrumento de decisões estratégicas para as empresas e uma excelente fonte de informação para o público geral. Empresários, estudantes, pesquisadores, jornalistas e profissionais de diversas áreas poderão obter dados e informações confiáveis oriundas de fontes oficiais, sem correrem risco de acessarem dados corrompidos”, salientou o superintendente do IEL Goiás, Humberto Oliveira.

Uma conquista da indústria goiana

Para o presidente do Conselho Temático de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (CDTI) e do movimento Aliança pela Inovação Goiás, Heribaldo Egídio, “o Observatório é uma conquista da indústria goiana, que beneficiará todos os setores, capaz de potencializar o desenvolvimento do ecossistema goiano de inovação, de transformar nossa economia em referência no Centro-Oeste.”

O observatório foi elaborado e será abastecido por profissionais gabaritados e experientes, de forma transparente e absolutamente confiável, assim como todas as ações do Sistema Fieg. “Ter acesso a informações estatísticas atualizadas, diversificadas e agrupadas em um único local ▶



► **Paulo Afonso Ferreira, Humberto Oliveira, Iris Rezende e Sandro Mabel**



► **Heribaldo Egídio, presidente do CDTI-Fieg: instrumento capaz de “transformar nossa economia em referência no Centro-Oeste”**



► **Sandro Mabel, André Rodrigues, Rogério Cruz e Iris Rezende: lançamento prestigiado**



é o grande diferencial do Observatório Fieg, que busca apresentar dados não só da indústria, mas de todo o ambiente econômico, auxiliando as tomadas de decisão e orientando quanto às oportunidades de nosso Estado”, ressaltou Januária Guedes, assessora econômica da Fieg.

No projeto, Fieg e IEL Goiás contam com parceria do Sesi, Senai e da Universidade Federal de Goiás (UFG), que contribuíram para a criação e manutenção do Observatório Fieg. A apresentação da ferramenta impressionou o prefeito de Goiânia, **Rogério Cruz**. “É a transparência através da tela. Estamos nos preparando para fazer de Goiânia uma cidade inteligente e contamos muito com o Observatório, que me dá a certeza de que estamos no caminho certo”, disse o prefeito.

A cerimônia contou com presença do homenageado, o ex-prefeito de Goiânia **Iris Rezende**, acompanhado de sua filha Ana Paula; do prefeito de Goiânia, **Rogério Cruz**; do vice-prefeito de Apa-

recida de Goiânia, **Vilmar Mariano**; do deputado estadual **Virmondes Cruvinel**, do secretário municipal de Inovação, Ciências e Tecnologia de Goiânia, **André Rodrigues**; do presidente da Fecomércio, **Marcelo Baiocchi**, e do vice-presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI) e diretor nacional do Instituto Euvaldo Lodi, **Paulo Afonso Ferreira**.

Além do presidente da Federação, **Sandro Mabel**, o Sistema Fieg foi representado pelo vice-presidente **André Rocha**; pelo superintendente do IEL Goiás **Humberto Oliveira**, pelo superintendente do Sesi e diretor regional do Senai, Paulo Vargas; pelo superintendente da Fieg, Igor Montenegro, presidente da Conselho Temático de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (CDTI), Heribaldo Egídio, além de outras lideranças empresariais e autoridades, sempre respeitando os protocolos sanitários exigidos neste momento de pandemia da Covid-19.

De forma virtual, participaram do

lançamento os presidentes das Federações das Indústrias de Santa Catarina (Fiesc), Mário César de Aguiar, do Pernambuco (Fiepe), Ricardo Essinger, e do Espírito Santo (Findes), Cris Samorini, além do presidente do Sistema OCB-GO, Luiz Alberto Pereira, entre outros.

SOBRE O IEL/GO

Instituto Euvaldo Lodi (IEL Goiás) é uma associação civil, sem fins lucrativos, criado em Goiás pela Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), em 1970, para desenvolver a integração indústria-universidade. O Programa de Estágio, implantado em 1971, é um dos mais conceituados do Brasil e carro-chefe da instituição, que tem como missão transformar organizações e pessoas por meio da inovação. O Instituto é referência em soluções inovadoras e de Transformação Digital no Estado de Goiás.



▶ Equipe do Observatório Fieg Iris Rezende com o superintendente do IEL, Humberto Oliveira

SERVIÇO:

OBSERVATÓRIO FIEG IRIS REZENDE

▶ **Realização:** Fieg e IEL Goiás

▶ **Site do Observatório:**
[https://
observatoriofieg.com.br](https://observatoriofieg.com.br)



▶ **O que é:** Ferramenta on-line, atualizada em tempo real, que disponibiliza dados demográficos, econômicos, de educação e relativos ao consumo e à estrutura de distribuição de todas as regiões e municípios de Goiás.

▶ **Objetivo:** Em busca das melhores alternativas para orientação estratégica e oportunidades o Observatório Fieg é um transformador de realidade para o mercado, pois presta serviços de análises estratégicas para subsidiar a tomada de decisão. A ferramenta também visa criar uma comunidade (centros de conhecimentos, governos e setor produtivo) interessada em dados por meio dos canais de comunicação. ●



▶ Encontro com prefeitos de Guaraitá, Faina, Rubiataba e Ipiranga de Goiás na Casa da Indústria: ações conjuntas para enfrentar a crise

Parcerias pelo desenvolvimento

O projeto Encontro Indústria e Desenvolvimento Regional, articulado pela Fieg, coloca à disposição das prefeituras ferramentas para modernizar a gestão e explorar oportunidades de geração de emprego e renda

.....
Tatiana Reis, Andelaide Lima e Sérgio Lessa
 Fotos: Alex Malheiros

A retomada da atividade nos diversos setores da economia exigirá uma articulação mais próxima entre os setores privado e público. Mais uma vez, a Fieg antecipou-se e assumiu papel de protagonista nesta aproximação ao lançar o projeto Encontro Indústria e Desenvolvimento Regional, envolvendo prefeitos em todo o Estado no início deste ano. A iniciativa foi planejada pela direção da federação para fomentar ações para modernização da gestão pública, por meio de parcerias que promovam o desenvolvimento socioeconômico das cidades

goianas, em meio à pandemia da Covid-19.

Em menos de dois meses, entre o final de maio e o começo de junho, o Sistema Fieg, em conjunto com presidentes de sindicatos do setor industrial, acelerou sua programação e promoveu a realização de quatro rodadas de encontros, com participação de nove prefeituras – Cavalcante, Pirenópolis, Faina, Rubiataba, Ipiranga de Goiás, Guaraitá, Flores de Goiás, São Patrício e Itapuranga. Durante cada encontro, a Fieg entrega, em regime de comodato com as prefeituras, capacetes Elmo, utilizados no tratamento de pacientes com



Covid-19. Nas primeiras rodadas, iniciadas em fevereiro deste ano, participaram mais oito prefeituras (Montes Claros de Goiás, Mossâmedes, Córrego do Ouro, Itapirapuã, Novo Brasil, São Miguel do Passa Quatro, Morro Agudo de Goiás e Rio Quente).

“Nós, do Sistema Fieg, buscamos estreitar as parcerias público-privadas para ajudar na sustentabilidade dos municípios goianos. Vamos ter um desenvolvimento grande na industrialização e acreditamos muito na educação e na gestão para que isso ocorra. Assim, oferecemos produtos e serviços de acordo com as necessidades apresentadas pelos prefeitos”, destaca o presidente da Fieg, **Sandro Mabel**.

A federação participa dessas parcerias colocando à disposição das prefeituras goianas seu amplo e diversificado portfólio de produtos e de serviços, oferecidos pelo Sesi, Senai e IEL Goiás, cobrindo áreas como educação básica, educação profissional, saúde e segurança na indústria, oferta

de estágios, programa jovem aprendiz, programa de desenvolvimento de fornecedores, gestão da inovação, robotização de processos, entre outras.

Desde o início do projeto, em fevereiro, além das prefeituras já relacionadas, foram recebidos prefeitos de mais oito cidades de diversas regiões do Estado. A relação inclui ainda os administradores de Montes Claros de Goiás, Mossâmedes, Córrego do Ouro, Itapirapuã e Novo Brasil, na Região Oeste Goiano; São Miguel do Passa Quatro, no Sudeste; Morro Agudo de Goiás, no Centro Goiano; Rio Quente, no Sul.

Na tarde de 4 de junho, durante a sexta rodada do Encontro Indústria e Desenvolvimento Regional, realizada na Casa da Indústria, **Sandro Mabel** recebeu o prefeito Vilmar Souza, de Cavalcante, primeiro administrador municipal no País oriundo de uma comunidade calunga. Souza foi apresentado às possibilidades de ações conjuntas com o Sistema Fieg, por meio

de suas unidades regionais, instaladas em todos os polos estratégicos do Estado.

Com cerca de 10 mil habitantes, dos quais quase 40% não têm escolaridade básica, Cavalcante, que fica a cerca de 500 quilômetros de Goiânia, tem carências sobretudo na área de educação. “Agradeço ao Sistema Fieg por nos receber, pois aqui é um lugar que pode nos ajudar bastante, tanto na questão da educação, quanto na gestão. Queremos firmar parcerias para fazermos uma melhor administração, com gestão participativa e colaborativa, na qual quem ganha é o cidadão. Temos carências em várias áreas e precisamos dessa parceria com a Fieg”, afirmou Vilmar Souza.

Além do prefeito, participaram ainda da reunião o presidente do Sindicato das Indústrias de Calçado no Estado de Goiás (Sindicalce), Elvis Roberson, os superintendentes da Fieg, Igor Montenegro: do IEL, Humberto Oliveira; e diretor de Educação e Tecnologia do Sesi e Senai, Claudemir José Bonatto.

Qualificação e geração de emprego

No final de maio, igualmente como parte do projeto de parcerias entre Fieg e administrações municipais, o prefeito de Pirenópolis, Nivaldo Antônio de Melo, foi um dos convidados para participar da apresentação do projeto Confecciona Mais Moda, com participação dos presidentes da Câmaras Setoriais da Moda (Casmoda), José Divino Arruda, da Indústria da Construção (CIC), Sarkis Nabi Curi, e executivos do Sistema Indústria.

Arruda, que também preside o Sindicato das Indústrias do Vestuário no Estado de Goiás (Sinvest), destacou o objetivo do Confecciona Mais Moda, uma iniciativa liderada pela entidade, com apoio da Fieg e da Federação Goiana de Municípios (FGM), com parceria estratégica do Senai e IEL Goiás. O projeto tem como metas, entre outros propósitos, qualificar mão de obra e promover estudos aprofundados das necessidades, potencialidades e oportunidades dos municípios goianos participantes.

Sandro Mabel, presidente da Fieg, destacou a importância da qualificação para o desenvolvimento dos municípios. *“Com o projeto Confecciona Mais Moda, o município pode dar um grande passo na retomada da economia, ao investir em um projeto que pode criar marca própria, com conceito, algo diferenciado que vai agregar valor à região e, assim, gerar mais empregos e renda”*, afirmou.

No encontro, o superintendente do IEL Goiás, Humberto Oliveira, a gerente de Desenvolvimento Empresarial, Sandra Márcia da Silva, e o diretor de Educação e Tecnologia do Sesi e Senai Goiás, Claudemir Bonatto, apresentaram o portfólio de produtos e serviços oferecidos aos municípios, como o observatório da Fieg Iris Rezende, que disponibiliza indicadores, dados demográficos de educação, saúde, economia das cidades goianas.



▶ **Nivaldo Antônio de Melo, prefeito de Pirenópolis, com Sandro Mabel na entrega do capacete Elmo: “Estamos em busca de qualificação de mão de obra e de projetos que a Federação pode nos ofertar”**



▶ **José Divino Arruda: “O projeto (da Casmoda) vem com a proposta de combater o desemprego, promovendo a retomada da economia”**

Lançado em abril, o projeto Confecciona Mais Moda, segundo o presidente do Sinvest e da Casmoda, já relacionava 12 municípios parceiros e duas incubadoras, instaladas em Santa Helena, no Sudoeste do Estado, e Campos Verdes, na Região

Norte *(leia mais nas páginas 61 e 62)*. “O projeto vem com a proposta de combater o desemprego, promovendo a retomada da economia com qualificação da mão de obra, atendendo ao trabalhador, às empresas e aos municípios”, reforçou Arruda.

Sarkis Nabi Curi reforçou a importância de promover e apoiar os administradores municipais que estão abertos para o diálogo e que procuram melhorias para os municípios com geração de riquezas e oportunidades.

“Pirenópolis é um destino turístico de nosso Estado que tem projeção nacional e internacional. Estamos em busca de qualificação de mão de obra, de projetos que a Federação pode nos ofertar e, com certeza, levar oportunidade aos nossos municípes”, declarou Melo. Também participaram do encontro o superintendente do Sesi e diretor regional do Senai, Paulo Vargas, o superintendente da Fieg, Igor Montenegro, o coordenador técnico da Federação, Alessandro Araújo, e o assessor legislativo, Lenner Rocha.

PANDEMIA AGRAVA FALTA DE RECURSOS

Os prefeitos **Paulinho Vieira, de Faina**, no Noroeste Goiano, **Padre Weber**, de Rubiataba, e Alex Gás (Ipiranga de Goiás), na Região Centro Goiano, foram recebidos no dia 13 de maio na Fieg, numa reunião que teve ainda a participação on-line da prefeita **Adna Martins**, de Guaraitá, no Noroeste do Estado. Durante o encontro, foram apresentadas as oportunidades de ações conjuntas com o Sistema Fieg, por meio de sua rede de unidades operacionais.

A reunião foi acompanhada pelo deputado estadual **Wagner Neto** (Pros) e contou com exposição dos superintendentes Igor Montenegro (Fieg), Paulo Vargas (Sesi/Senai) e Humberto Oliveira (IEL). O parlamentar, que havia coordenado, uma semana antes, a visita à Casa da Indústria dos gestores de Flores de Goiás (Nordeste Goiano), São Patrício (Centro Goiano) e Itapuranga (Noroeste Goiano), explicou que o objetivo é alinhar estratégias para ajudar os municípios com programas para modernizar a administração e gerar resultados práticos em benefício da população.

“Os municípios já vinham enfrentando problemas de recursos e, com a pandemia, a situação piorou e mostrou a necessidade de implantação de políticas modernas de gestão. Uma das maneiras mais eficazes para superar esses desafios é investir em qualificação de mão de obra com oferta de cursos profissionalizantes voltados para a vocação de cada cidade”, disse Neto.

Parcerias com administrações municipais, prática permanente do Sistema Fieg, são consideradas estratégicas por **Sandro Mabel**. “*Queremos estreitar as parcerias público-privadas para ajudar na sustentabilidade das regiões, com a oferta de serviços e produtos de acordo com as demandas apresentadas pelos prefeitos*”, disse. ■

ESCOLAS SESI

Formando Campeões

- Aulas de Robótica
 - Mensalidades acessíveis do Infantil ao Médio
- Matrículas abertas

Goiânia: **4002 6213** 

Demais localidades:
0800 642 1313



SESI
PELO FUTURO DO TRABALHO



▶ **A PERDER DE VISTA:** depósito de terras raras de Minaçu, 2ª maior reserva do mundo, fica em áreas do granito Serra Dourada, unidade geológica que se estende por mais de 60 km, rumo ao Tocantins.

Serra Verde, uma mina sustentável no Norte Goiano

Principal alternativa competitiva fora da China, projeto pioneiro de exploração de terras raras em Minaçu tem parceria do Senai Goiás no suporte tecnológico e na formação de mão de obra especializada

.....
Renata Santos

Depois da proibição do amianto no Brasil, seguida de seu polêmico processamento destinado exclusivamente à exportação, a região de Minaçu, no Norte Goiano, ressurgiu no mapa mineral brasileiro com o suporte sustentável de padrão internacional de “mina verde” que o ramo exige. O grande impulso para essa realidade foi a chegada da **Mineradora Serra Verde**, que está em contagem regres-

siva para iniciar a exploração do minério carbonato de terras raras.

Da retirada do solo ao envio para o mercado, a empreitada promissora, considerada hoje a principal alternativa competitiva fora da China, tem o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (**Senai Goiás**) como parceiro primordial no oferecimento de suporte tecnológico e de mão de obra especializada. Na Unidade



Integrada Sesi Senai Minaçu, o clima é de festa com sucesso de projeto pioneiro: a formação neste ano da primeira turma de 33 concluintes no curso técnico em química.

Matéria-prima cobiçada pelas indústrias asiáticas, europeias e norte-americanas, por conta de suas propriedades magnéticas, as terras raras são um conjunto de 15 elementos minerais com larga utilização: fabricação de superímãs empregados em turbinas de energia eólica, de carros elétricos, telefones celulares, computadores, equipamentos de laser médicos. Há ainda aplicações estratégicas como eletrodos em baterias de lítio e fuel-cells (célula de combustível), na metalurgia, química, cerâmica e na proteção ao meio ambiente, como catalisadores automotivos e para o refino de petróleo. O Brasil importa atualmente em torno de US\$ 7 milhões em compostos de ETR (elemento terras raras), o que representa apenas 1% do mercado mundial.

Instalada numa área de 9,6 mil hec-



► **Sede da Mineração Serra Verde, em Minaçu:** projeto audacioso de operar mina de classe mundial

tares, com recursos certificados da ordem de 900 milhões de toneladas de minério, fruto de pesquisas minerais sistemáticas, iniciadas há mais de uma década, a Mineradora Serra Verde é uma realidade bem-vinda em Minaçu, que ficou conhecida mundialmente pela exploração do amianto, a partir dos anos 1970. Agora com a retomada dessa atividade econômica, interrompida em passado recente, por força de decisões de políticas públicas, a cidade comemora também a consolidação do empreendimento que irá extrair as terras raras, um negócio capaz de gerar riqueza e renda para a população local, conciliando desenvolvimento com cuidados com o meio ambiente e o bem-estar social da comunidade local.

Conceito de economia verde orienta o projeto

O projeto da Mineradora Serra Verde insere-se no conceito de “economia verde”, uma visão de negócio integrada aos con-

“**Nosso projeto se orienta pelos conceitos da economia verde, desde valores e missão até os processos de extração e beneficiamento de minério, incluindo a gestão**”

.....
LUCIANO DE FREITAS BORGES,
vice-presidente executivo da
Mineradora Serra Verde



ceitos de desenvolvimento sustentável e responsabilidade social. Vice-presidente executivo da mineradora, Luciano de Freitas Borges avalia que o empreendi- ►

mento atende aos requisitos necessários para conciliar desenvolvimento socioeconômico com preservação de um meio ambiente saudável, garantindo a geração de oportunidades econômicas equivalentes ou até melhores que as atuais para as gerações futuras. “Isso exige investimentos e pesquisas voltados para a consolidação de um compromisso ético com a condução de um negócio rentável, ambientalmente amigável e com efetivo engajamento de seus stakeholders. Fruto desse esforço e desse compromisso, nosso projeto se orienta pelos conceitos da economia verde, desde valores e missão até os processos de extração e beneficiamento de minério, incluindo a gestão”, explica. Segundo ele, a expectativa é produzir 7 mil toneladas de concentrados de terras raras por ano.

Dos quase mil colaboradores, diretos e indiretos, hoje empregados na construção do projeto, 95% são goianos, sendo mais da metade de Minaçu e municípios vizinhos, o que já fortalece, desde o início, o potencial de desenvolvimento humano de toda a região. O começo das operações de extração do ETR está programado para o primeiro semestre de 2022 e, mesmo diante das dificuldades decorrentes da pandemia da Covid-19, a meta está mantida.

“Concluimos as instalações do nosso Centro de Relações com a Comunidade, localizado no centro de Minaçu, que, já a partir de junho, ampliará o suporte aos nossos programas de apoio à comunidade, tais como capacitação de fornecedores locais, realização de cursos, palestras e outras atividades destinadas ao desenvolvimento e parcerias com as comunidades locais. Ao todo, temos 35 programas socioambientais, todos voltados para o desenvolvimento de parcerias sustentáveis com comunidades de Minaçu e de municípios vizinhos”, informa Luciano Borges.

O total a ser investido até a conclusão do projeto, desde o início das pesquisas minerais, em 2009/2010, excederá a cifra de 200 milhões de dólares.



O depósito de terras raras está localizado em áreas do granito Serra Dourada, uma unidade geológica situada a oeste de Minaçu, que se estende por mais de 60 quilômetros, na direção norte-sul, rumo ao Estado do Tocantins.

A área construída da planta de beneficiamento, laboratórios, galpões, etc., é de cerca de 100 mil metros quadrados. Também estão sendo construídas uma linha de transmissão de 138kV e uma adutora com cerca de 32 km de extensão, além de dezenas de quilômetros de estrada e vias de acesso internas, incluindo pontes e outras obras de infraestrutura.

Ele ressalta que a mineradora desenvolveu uma tecnologia própria, inédita, para reduzir o impacto ambiental e melhorar o resultado econômico do projeto, assegurando combinação entre eficiência econômica e qualidade ambiental. Desde 2010, foram realizadas sondagens e análises químicas, totalizando mais de 59 mil

metros de sondagens e amostragens do minério.

“Nosso objetivo é operar uma mina de classe mundial, explorando a segunda maior reserva de terras do mundo, oferecendo à indústria global matéria-prima de qualidade, obtida com baixo impacto ambiental. A extração será por meio de uma lavra a céu aberto, de baixa profundidade. O minério será tratado por compostos não agressivos, sem a adição relevante de ácidos ou outros produtos para o ajuste dos reagentes responsáveis pela extração do minério (basicamente água e sal), que serão todos reciclados em um processo produtivo em circuito fechado, sem emissão de efluentes ácidos, reagentes químicos, nem utilização de barragens de rejeitos. O produto do beneficiamento, um carbonato misto de terras raras (conhecido no mercado internacional como MREC (Mixes Rare Earths Carbonate), será levado em containers, transportados por caminhões



até os principais portos do Brasil, de onde será enviado para os mercados consumidores de todo o mundo, explica Luciano de Freitas Borges.

Ele observa que os grandes diferenciais competitivos da Serra Verde são o tipo de minério e o volume das reservas. As terras raras concentradas em argilas iônicas não contêm concentrações relevantes de elementos radioativos e, portanto, não oferecem riscos aos trabalhadores e ao meio ambiente.

A extração a céu aberto, em baixa profundidade, facilitará a recomposição das áreas lavradas, permitindo a rápida recuperação ambiental, com recomposição das cavas e revegetação quase imediatamente após a retirada do minério. A deposição dos resíduos do beneficiamento será em pilha seca, sem a necessidade da construção de barragens de rejeitos.



▶ **Josué Moura, diretor da Unidade Integrada Sesi Senai Minaçu:** “A vida dos moradores está ligada às propostas do empreendimento.”

Senai apoia com qualificação e tecnologia

Diretor da Unidade Integrada Sesi Senai Minaçu, Josué Moura comemora os cerca de 400 empregos diretos e outros 1,5 mil indiretos, gerados no município a partir do estabelecimento da Mineradora Serra Verde. “A vida dos moradores está ligada às propostas do empreendimento. Mostra disso foi que a demanda pelo curso de química do Senai surgiu após uma audiência pública na Câmara de Vereadores de Minaçu”, lembra. Nesse evento, ocorreu a proposição da necessidade e, a partir disso, o Senai criou o tão esperado programa de formação. “Desde então, montamos o moderno laboratório de química de 200 metros quadrados, localizado nas dependências de nossa escola.”

Ele explica que, durante o dia, o lugar

A FAMÍLIA DE ELEMENTOS DE TERRAS RARAS

As terras raras correspondem aos elementos químicos denominados “lantanídeos”: Lantânio (La), Cério (Ce), Praseodímio (Pr), Neodímio (Nd), Promécio (Pm), Samário (Sm), Európio (Eu), Gadolínio (Gd), Téribio (Te), Disprósio (Dy), Hólmio (Ho), Érbio (Er), Túlio (Tm), Itérbio (Yb) e o Lutécio (Lu), além do itríbio (Y) e do Escândio (Sc). A lavra será a céu aberto, de baixa profundidade, em “tiras” propiciando recuperação imediata de áreas lavradas. O projeto não conta com uso de ácidos para beneficiamento do minério nem conta com lagoas de rejeito, pois o material é empilhado a seco.

O minério será homogeneizado, secado, classificado a úmido lixiviado em tanques agitados, filtrados e precipitados.

O sistema de beneficiamento terá três circuitos:

- ◆ Peneiramento (homogeneização e classificação)
- ◆ Lixiviação e extração
- ◆ Precipitação, separação e concentração



Daniel Nascimento



Alunos em laboratório curso técnico em química do Senai em Minaçu: mão de obra da região e perspectiva de geração de mais empregos

“A Fieg e o Senai dão demonstração de agilidade e competência ao formar mão de obra para projeto de tamanha envergadura, como é o da Mineração Serra Verde”

SANDRO MABEL, presidente da Fieg e do Conselho de Mineração da CNI (Comin)



Alex Madheiros

é destinado aos trabalhos da empresa e, à noite, sedia as aulas dos alunos do curso técnico em química do Senai. “No final deste ano, a primeira turma terá sua formatura, com 33 novos profissionais que estarão aptos para atuar no mercado de trabalho promissor”, comemora. Ele destaca conteúdos importantes priorizados pela mineradora e colocados em prática, como o a geração de resíduos não poluentes e necessidade de proteção dos colaboradores em espaços confinados, algo que ultrapassa o uso de equipamentos de proteção.

Para isso, são primordiais a adoção e o cumprimento fiel de normas como as NR-12 (máquinas e equipamentos), NR-35 (trabalho em altura e espaços fechados) e NR-10 (instalações e parte elétrica). “O cuidado com o potencial humano tem sido demonstrado em todas as ações e treinamentos realizados pela mineradora e o Sesi Senai ao longo de 2020 e 2021.”

À FRENTE DO PROJETO, UM GOIANO, NETO DO 1º PREFEITO DE GOIÂNIA

Ninguém melhor para gerir um projeto visionário de mineração do que o um profissional especializado. No caso das terras raras de Minaçu, a missão tem à frente o vice-presidente executivo da Mineradora Serra Verde, o geólogo **Luciano de Freitas Borges**. Neto de Venerando de Freitas Borges – o primeiro prefeito de Goiânia e superintendente da Fieg na gestão de José Aquino Porto –, formado pela UnB e com uma extensa trajetória no ramo, que une décadas de atuação na esfera pública e privada do universo da exploração mineral, ele contabiliza publicações em revistas literárias e científicas com seus temas preferidos: política, geologia e economia mineral. Entre os destaques da carreira, estão a criação do subgrupo de mineração do Mercosul (SGT-2) e atuação como membro da Comissão Binacional de Alto-Nível Brasil Venezuela (1997-2001), quando foi condecorado com a Ordem de Rio Branco, por serviços prestados às relações internacionais do Brasil.

Entre 1984 e 2004, ocupou no serviço público brasileiro várias posições de destaque, como cargos de direção no Departamento Nacional de Produção Mineral – atual Agência Nacional de Mineração (ANM) –, no Departamento Nacional de Minas e Metalurgia e secretário nacional de Minas e Energia. Após essa fase, passou a consultor, executivo e membros de conselhos de administração de empresas de mineração do País e do exterior. ■

FIEG 70 ANOS

*Inovação fazendo o bem
e formando CAMPEÕES.*



FIEG

PELO FUTURO DA INDÚSTRIA

70 anos
fazendo
o-bem
Fundada em 1950

Um home office diferenciado

Política para teletrabalho da companhia, que atua com mina de cobre e ouro em Alto Horizonte (GO), inclui fornecimento de notebooks, aparelhos de ar-condicionado, cadeiras e escrivaninhas ergonômicas, além de subsídio para planos de internet para estruturação do local de trabalho em casa e treinamentos

Francisco Barros

A pandemia da Covid-19 acelerou o processo de implantação do trabalho remoto em todo o mundo. Por força da necessidade do distanciamento social e para conter a disseminação do vírus, o home office (teletrabalho) foi ampla e rapidamente adotado por empresas públicas e privadas no Brasil. A tecnologia respondeu bem e demonstrou que diversas atividades reúnem benefícios que justificam incorporar essa modalidade de trabalho, mesmo após a pandemia. Mas como fazer isso com sucesso numa empresa de mineração? Um bom exemplo é a iniciativa da Lundin Mining. A empresa formou um Comitê Pós-Pandemia para estudar o assunto e elaborou uma política que pretende alterar substancialmente a forma de trabalhar, modificando a cultura ainda conservadora do setor.

A Lundin Mining é uma companhia de origem canadense, que começou a atuar no Brasil em julho de 2019, com a aquisição de uma mina de cobre e ouro, em Alto Horizonte, no Norte de Goiás. A capacidade de processamento de minério da operação alcança aproximadamente 24 milhões de toneladas por ano. A empresa

emprega cerca de 2 mil pessoas no País, entre funcionários e contratados, em funções administrativas e operacionais, sendo 11% mulheres.

Desde o início da pandemia, a saúde de empregados, contratados (trabalhadores de empresas terceiras) e da comunidade foi colocada como prioridade. Muito antes dos decretos, a Lundin Mining adotou medidas de prevenção e para garantir o distanciamento social, promovendo ambiente de trabalho seguro. Uma das ações foi a implantação do home office para as funções administrativas. O processo foi praticamente inédito para a companhia, muito embora a tecnologia já estivesse disponível. “Foi uma quebra de paradigma. A cultura do trabalho presencial, acompanhando de perto o que acontece no dia a dia da operação, é muito forte”, explica Luciana Bernadete Félix, gerente de Recursos Humanos da Lundin Mining.

A adoção do home office por força da pandemia despertou uma perspectiva que não estava nos planos da companhia, uma vez que algumas funções se adaptaram muito bem à nova modalidade. Foi assim que a empresa decidiu criar um comitê

Operação da Lundin Mining em Alto Horizonte (GO): mina de cobre e ouro processa 24 milhões de toneladas por ano



multidisciplinar para estudar as melhores práticas para a elaboração de uma política efetiva de trabalho remoto.

Liderado pelo gerente de projetos da Lundin Mining, Rafael de Souza Almeida, o comitê identificou cinco pilares: teletrabalho associado à produtividade; gestão do tempo e controle de jornada; saúde mental; retenção de talentos e medidas de pertencimento; e comunicação. “Em tempos tão difíceis como estes que temos vivido, a criação de um comitê para discutir o futuro do trabalho demonstra a preocupação



genuína da empresa com o bem-estar dos colaboradores e uma forte visão de futuro para alavancarmos a transformação do nosso negócio”, avalia ele.

Incertezas e desafios

Mesmo com todos os cuidados adotados, a velocidade das mudanças gerou incertezas e desafios. Alguns funcionários encontraram dificuldades técnicas com pacotes de internet ou, até mesmo, para criar um espaço isolado e confortável



▶ **Rafael Almeida, gerente de projetos da Lundin Mining:** preocupação com bem-estar dos colaboradores e transformação do negócio da companhia

onde pudessem trabalhar em casa. Houve também dificuldades em separar horas de trabalho e de lazer, criando situações que podem levar ao estresse. Assim, foi necessário cuidar dos aspectos de adequação do local de trabalho e da saúde mental dos colaboradores. As ações incluem o estímulo a exercícios físicos, pausas durante a jornada, ergonomia de mesas e cadeiras, condições de arejamento e iluminação do local de trabalho em casa.

Luciana Félix, que integra o comitê, explica que a Lundin Mining realizou uma pesquisa de benchmarking (avaliação comparativa) para conhecer as melhores práticas do mercado. Na visão da gerente de Recursos Humanos, a pesquisa identificou os fundamentos para consolidar o teletrabalho de forma bem-sucedida. *“É preciso levar em consideração a realidade e o contexto em que o trabalhador está inserido. Nossa política de home office, por exemplo, prevê a compra de um aparelho de ar-condicionado para a casa de cada um dos elegíveis, de modo a garantir o ambiente adequado numa região em que as temperaturas costumam ser altas o ano inteiro”*, explica Luciana.

Denominada “Lundin Mining Ao Seu Lado”, a política de trabalho remoto da companhia foi elaborada a muitas mãos e lançada em maio de 2021, com três modalidades de teletrabalho: parcialmente remoto, preponderantemente remoto ou totalmente remoto. Nas modalidades híbridas, cada caso será analisado individualmente: um geólogo que trabalha em campo, por exemplo, não poderá evitar o trabalho presencial, mas terá a opção de negociar a possibilidade de fazer o trabalho administrativo de casa.

Adaptação à realidade

“Conseguimos criar uma política flexível, adaptada à realidade e à necessidade de cada equipe”, conta a advogada Karen Oliveira, que também integra o Comitê

“ Foi uma quebra de paradigma. A cultura do trabalho presencial, acompanhando de perto o que acontece no dia a dia da operação, é muito forte.”

LUCIANA BERNADETE FÉLIX, gerente de Recursos Humanos da Lundin Mining



Pós-Pandemia. *“Dentro desse modelo híbrido de funcionamento, cada colaborador pode negociar diretamente com seu gestor a quantidade de dias que estará presencialmente na empresa”*. Karen, que tem sua base no escritório da Lundin Mining em Belo Horizonte (MG), diz que apesar de sentir falta do presencial, não encontrou dificuldades nessa transição. *“Fomos muito cuidadosos para fazer as adaptações, considerando a legislação que regulamenta o trabalho remoto. Já avançamos muito.”*

A Lundin Mining também fornecerá os equipamentos necessários ao trabalho remoto. Notebooks, aparelhos de ar-condicionado, cadeiras e escrivaninhas ergonômicas, além de subsídio para planos de internet fazem parte do pacote de estruturação do local de trabalho em casa. A companhia igualmente investiu em treinamentos para melhorar a produtividade e o bem-estar dos funcionários.

“Outra vantagem dessa nova modalidade é a maior possibilidade de retenção de talentos. Estamos longe dos grandes centros



► Karen Oliveira, do Comitê Pós-Pandemia, política flexível, adaptada à realidade e necessidade de cada equipe

e, para alguns funcionários de fora da região, isso significa se afastar da família. A possibilidade do trabalho remoto flexibiliza o local de residência e aumenta nossa competitividade na hora de atrair profissionais. É um valor intangível para a empresa”, explica Rafael de Souza.

Para Luciana Felix, gerente de RH, o trabalho remoto ainda permite que os funcionários gerenciem melhor suas rotinas para conviver mais tempo com suas famílias. *“Há um ganho de tempo, pois não precisam se deslocar até a empresa todos os dias. Podem aproveitar esse período e investir em algo que gostam de fazer”*, destaca.

Os benefícios dessa política foram observados de modo objetivo. Uma pesquisa realizada pela Lundin Mining no início de 2021 com seus funcionários em regime de home office revelou que 88% deles tinham interesse em continuar trabalhando remotamente depois da pandemia; que 63% optariam por um modelo híbrido, ao invés de completamente remoto; e que 42% se consideram mais produtivos em

► **Implantação do home office para funções administrativas, processo inédito na Lundin Mining, integra pacote de medidas de prevenção e segurança do ambiente de trabalho**



casa. Também surgiram feedbacks subjetivos: grande parte da força de trabalho relatou maior flexibilidade no dia a dia e a percepção de maior qualidade de vida por permanecer mais tempo com a família.

Para o diretor presidente da Lundin Mining no Brasil, Ediney Drummond, o panorama global do trabalho remoto é positivo. *“A Lundin Mining está confiante de que caminha na direção correta. Nossa política de home office é diferenciada por sua flexibilidade. A empresa não hesitou em encarar o desafio e respondeu com agilidade para se adaptar a uma nova realidade, mesmo para uma atividade tão complexa quanto a mineração”*, completa. ■

“ **Nossa política de home office é diferenciada por sua flexibilidade** ”

.....
EDINEY DRUMMOND,
diretor presidente da Lundin
Mining no Brasil:



O caminho para a retomada

Investimentos em infraestrutura ajudam a melhorar a produtividade e eficiência na economia, contribuindo para puxar crescimento duradouro

Tatiana Reis e Lauro Veiga

O Ministério de Infraestrutura (MInfra) espera um incremento dos investimentos na área em Goiás nos próximos anos, o que poderia contribuir para reduzir custos logísticos, assegurar ganhos de produtividade e eficiência no longo prazo, além de estimular a retomada da economia no curto prazo. Durante o webinar Investimentos e Concessões de Infraestrutura do Governo Federal, promovido em junho pelo Conselho Temático de Infraestrutura (Coinfra) da Fieg, liderado pelo empresário Célio Eustáquio de Moura, técnicos do ministério traçaram um panorama dos investimentos já realizados e ainda previstos para o Estado nos modais rodoviários e ferroviários, antecipando valores que superam a casa das duas dezenas de bilhões de reais, sobretudo por meio de concessões de trechos à iniciativa privada.

Realizado em parceria com o Fórum Regional de Logística e Infraestrutura Portuária – Centro-Oeste Export, o webinar registrou a participação de mais de 70 empresários e profissionais do setor, expectadores atentos da apresentação feita pela secretária de Fomento, Planejamento e Parcerias Natália Marcassa, e do secre-

Alex Malheiros



▶ **Célio Eustáquio de Moura (foto), presidente do Coinfra-Fieg:** webinar discute possibilidades de investimentos em infraestrutura na retomada econômica

tário de Transportes Terrestres, **Marcello da Costa**, ambos do MInfra. Segundo a secretária, as principais ações lideradas pela Pasta impactam eixos estratégicos para o escoamento da produção goiana, não apenas ampliando sua capacidade de carga, mas principalmente reduzindo custos logísticos e possivelmente atraindo investimentos adicionais, conforme espera o ministério.

No transporte rodoviário, prossegue Natália, estão contemplados corredores

logísticos estratégicos ao escoamento da produção agroindustrial goiana, como a BR-364 (Sudeste e Sudoeste goiano) e as BRs 153, 080 e 414 (rodovias consideradas de integração nacional), além da relicitação das BRs 040 e 060. Sobre as obras de duplicação do trecho goiano da BR-050, a secretária esclareceu que 183 quilômetros da obra foram concluídos até o final do ano passado e que o término da travessia de Cristalina, na Região Entorno do Distrito Federal, está previsto para 2021, enquanto



► **Natália Marcassa, do Minfra, ao comentar os investimentos previstos para Goiás:** “Além de proporcionar mais competitividade ao que é produzido em Goiás, facilitando o escoamento, o impacto social também é enorme”



► **Marcello da Costa:** “Nos últimos anos, experimentamos um crescimento econômico exponencial na região e a infraestrutura não acompanhou esse desenvolvimento”

a de Catalão, no Sudeste Goiano, deve ter obras iniciadas neste ano.

No âmbito do transporte ferroviário, são estimados investimentos de cerca de R\$ 20 bilhões na próxima década nas ferrovias de Integração Centro-Oeste (Fico), Centro-Atlântica (FCA) e Norte-Sul. Estimativas do Minfra mostram a geração de mais de 250 mil empregos diretos e indiretos na região ao longo do contrato de concessão, promovendo efeito-renda nos municípios cruzados pelos eixos logísticos. “Além de proporcionar mais competitividade ao que é produzido em Goiás, facilitando o escoamento, o impacto social também é enorme”, sugere Natália.

Marcello da Costa destaca que os investimentos do governo federal na região buscam preencher o enorme ‘gap’ entre a demanda e o efetivamente executado em infraestrutura logística no Centro-Oeste. “Nos últimos anos, experimentamos um crescimento econômico exponencial na região e a infraestrutura não acompanhou esse desenvolvimento. Hoje, a região é responsável pela maior produção agropecu-

ária do Brasil, envolvendo commodities destinadas à exportação e também muito importantes para o consumo interno”, sustenta ele.

Para Costa, o investimento promovido para diversificação dos modais na região, hoje muito dependente do rodoviário, vai proporcionar mais competitividade ao que é produzido e mudará o cenário de infraestrutura na próxima década, considerando que a projeção de crescimento do Centro-Oeste agrícola é de 48% nos próximos anos. “Precisamos acompanhar isso. Estamos dotando o País de projetos que vão mudar o cenário de infraestrutura do Brasil nos próximos dez anos. Hoje, 90% do que é transportado nas rodovias é para exportação. Também precisamos repensar isso, preparando-nos para atender à crescente demanda interna”, afirma ainda.

Nesse sentido, o secretário destaca dois grandes projetos do setor que tramitam no Legislativo – o PLS 261 (Projeto de Lei do Senado), que busca modernizar a regulação da atividade de transporte fer-

roviário, e o projeto BR do Mar, que tem o objetivo de aumentar a oferta da cabotagem, incentivando a concorrência, criando novas rotas e reduzindo custos. “São dois grandes desafios que vão proporcionar a densidade logística de que precisamos”, espera Costa.

Coordenação pública e privada

Um programa robusto e corretamente planejado de promoção de investimentos públicos e privados em infraestrutura tenderia a “gerar ganhos de produtividade e economia de custos para todos os setores econômicos, a curto, médio e longo prazo e, simultaneamente, auxiliar na recuperação da economia e do emprego”, sustenta trabalho recentemente desenvolvido pelos economistas Daniel Keller, Igor Rocha, Renato Rosa e Marcelo Marques, do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi).

Os efeitos positivos desses investimentos para o conjunto da economia seriam ►

potencialmente mais vigorosos no caso de economias que enfrentam níveis elevados de ociosidade, como a brasileira, o que se comprova pelo desemprego recorde, ao redor de 14,7% no trimestre finalizado em abril deste ano, conforme anotado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). “Em períodos de restrição de demanda agregada, quando os gastos privados se contraem, casos do consumo das famílias e das inversões das empresas, os investimentos públicos ou coordenados pelo Estado são importantes instrumentos de política”, defende o estudo. E acrescenta: “Isso ocorre porque, em um ambiente de elevado desemprego, aumento da capacidade ociosa e incerteza, o início de uma recuperação econômica pode não se dar através dos gastos privados.”

Na verdade, sempre de acordo com trabalho, investimentos públicos e privados são igualmente importantes, mas dependem de coordenação e organização para potencializar seus impactos. Citando autores diversos e a literatura disponível nesta área, Keller, Rocha, Rosa e Marques argumentam que, ao reduzir custos e “gerar transbordamentos tecnológicos, o investimento em infraestrutura eleva a rentabilidade das demais inversões, e até mesmo viabiliza outros investimentos”. Na mesma linha, os autores sustentam que “o Estado tem papel central no desenvolvimento econômico em economias de mercado, pois as inversões públicas em

infraestrutura geram estímulo no setor privado, o que leva a um aumento amplo dos investimentos”.

Para enfrentar as distorções geradas pelas dimensões do déficit no investimento, frente às necessidades não atendidas no setor de infraestrutura, acrescentam ainda, será necessária “uma atuação equilibrada e conjunta do setor público e do setor privado na construção de parâmetros regulatórios adequados, na criação de modelos para financiamentos facilitados, nos incentivos às PPPs e no desenvolvimento de projetos e fomento de inversões setoriais mais precisas”.

O trabalho menciona estudo específico do Fundo Monetário Internacional (FMI), que estima ganho de 2,7% para o Produto Interno Bruto (PIB) a cada aumento de 1,0% do PIB no investimento público, com elevação ainda na faixa de 10% para investimentos privados e avanço de 1,2% para o emprego num horizonte de dois anos, no caso de investimentos de alta qualidade. “De acordo com o Fundo, dado o cenário ainda de forte incerteza, é

preciso que o investimento público tenha uma ação contracíclica estimulando o investimento privado”, reforçam os autores. O mesmo trabalho do FMI, prosseguem, estima que cada milhão de dólares investidos pelo setor público em infraestrutura tradicional levaria à criação de dois a oito empregos. As inversões em pesquisa e desenvolvimento, energia verde e prédios eficientes teriam potencial para abrir 5 a 14 empregos novos a cada milhão de dólares, sem considerar impactos indiretos sobre o mercado de trabalho produzidos pelos efeitos desse investimento sobre o conjunto da economia.

Na contramão do mundo

Nos últimos anos, notadamente a partir de 2015, o País tem seguido trajetória inversa à defendida pelos economistas do Iedi. Com base em dados da Associação Brasileira de Infraestrutura e Indústrias de Base (Abdib), o estudo menciona que os investimentos em transportes, energia elétrica, saneamento e telecomunicações despencaram 31,8% entre 2014 e 2020, saindo de R\$ 180,3 bilhões para R\$ 123,0 bilhões, num recuo de 0,7% em relação a 2019. “Quando é considerada a estimativa para o ano de 2021, os dados também são preocupantes, pois os valores devem ficar próximos aos de 2020”, complementa o Iedi.

Na estimativa da mesma Abdib, o Brasil teria que investir todos os anos, ao longo de uma

Retorno: investimento adicional de 1,0% do PIB em infraestrutura pode gerar crescimento de 2,7% para o conjunto da economia



década, algo em torno de R\$ 284,4 bilhões para fazer frente aos gargalos da infraestrutura, o que significaria uma inversão anual de 4,31% do PIB, praticamente 2,54 vezes mais o tamanho do investimento realizado no ano passado, que ficou limitado a 1,7%. Numa comparação internacional, com dados do World Economic Forum, China e Índia, “economias de crescimento acelerado no século 21, investem 4% e 13% do PIB em infraestrutura, respectivamente”.

Apenas a correção dos déficits na infraestrutura de transporte e para prover o setor econômico de uma logística compatível seriam necessários, conforme a Abdib, investimentos de 2,26% do PIB anualmente, perto de R\$ 149,0 bilhões. Isso significa multiplicar por seis os investimentos nessa área, visto que o País tem investido em média 0,34% do PIB ou R\$

25,0 bilhões por ano, em grandes números.

Projetos federais e estaduais já licitados ou anunciados para licitação nos próximos cinco anos no setor de transporte e logística, detalha o trabalho do Iedi, deverão trazer investimentos de R\$ 7,4 bilhões neste ano, atingindo seu pico em 2024, quando atingiriam R\$ 22,4 bilhões. Entre 2021 e 2025, estima-se uma inversão total de R\$ 82,0 bilhões, o que cobriria 55,0% da necessidade estimada para apenas um ano.

No setor privado, o investimento em infraestrutura igualmente encolheu, baixando de R\$ 114,2 bilhões em 2014 para R\$ 90,7 bilhões no ano passado, numa queda de 20,6%. O investimento desabou 56,5% no período, saindo de R\$ 74,3 bilhões para R\$ 32,3 bilhões. A participação do setor público no investimento em infraestrutura no Brasil, sustentam ainda os economistas

do Iedi, tem ficado abaixo de 30% nos últimos três anos, chegando a 26,3% no ano passado, o que se compara com uma fatia de 70% ocupada pelo investimento público nas economias emergentes.

Como um dos resultados do baixo investimento, o estoque de infraestrutura no Brasil (quer dizer, a soma de todos os ativos, obras e instalações realizadas ao longo dos anos) corresponde a 36,0% do PIB, muito abaixo da Índia e da China, que ostentam participação de 58,0% e de 76,0%, pela ordem. Nos Estados Unidos, onde o governo acaba de anunciar um programa de quase US\$ 2,0 trilhões para financiar a retomada econômica e sua reconversão em direção a uma economia mais verde, o estoque de infraestrutura representa 64,0% do PIB. ■



BENEFÍCIOS DE UMA INFRAESTRUTURA EFICIENTE

- ▶ **Contribuição direta** ao Produto Interno Bruto (PIB)
- ▶ **Aumento da renda** agregada e da geração de empregos
- ▶ **Diminuição nos custos da produção e da logística**, impactando a competitividade das firmas e os negócios – **redução do chamado custo Brasil**
- ▶ **Elevação da produtividade** de diferentes setores econômicos
- ▶ **Maior integração econômica** entre as regiões geográficas
- ▶ **Melhora na qualidade** dos serviços públicos

Fonte: Daniel Keller, Igor Rocha, Renato Rosa e Marcelo Marques/Iedi

RETROCESSO

(Investimento em infraestrutura no Brasil, dados em R\$ bilhões)

Período	Valores
2014	180,3
2015	151,3
2016	122,5
2017	120,1
2018	128,0
2019	123,9
2020	123,0

Fonte: Abdib

MUITO ABAIXO DO RESTANTE DO MUNDO

(Estoque de infraestrutura em relação ao PIB, países selecionados)

Países	Estoque sobre PIB (em %)
Brasil	36,0
Reino Unido	57,0
Canadá	58,0
Índia	58,0
Estados Unidos	64,0
Alemanha	71,0
Espanha	73,0
China	76,0
Polônia	80,0
Itália	82,0
Suíça	85,0
África do Sul	87,0
Japão	179,0

Fonte: Abdib/Inter. B



▶ Paulo Sérgio da Silva e Lohan Soares de Oliveira, sócios da Milky Moo: história de empreendedorismo e superação

UM NEGÓCIO SABOROSO QUE PROSPEROU EM PLENA PANDEMIA

Milky Moo, indústria de milk shake, nasceu por acaso e, de eventual ameaça, cresceu na esteira dos efeitos da Covid-19, como o trabalho em home office

Renata Santos
Fotos: Alex Malheiros

Asaga do empresário Paulo Sérgio da Silva, de 60 anos, é uma injeção de ânimo para empresários, empreen-

dedores e quem mais deseja ter um negócio próprio. Ele comemora o sucesso da Milky Moo, indústria de milk shake que surgiu com uma loja própria montada em plena pandemia da Covid-19 e já contabiliza a abertura de outras três unidades em shoppings de Goiânia e franquias em Anápolis, Rio Verde, Valparaíso e, fora de Goiás, em São José do Rio Preto (SP), Manaus e Curitiba. Aplicativo próprio para pedidos e programa para empregar jovens, com 90% dos funcionários de primeiro emprego, são diferenciais.

Sua trajetória de superação de obstáculos teve início muito antes da crise global. O empresário amargou dificuldades econômicas comuns a tantos outros brasileiros. Limitações físicas e problemas de mobilidade de Paulo Sérgio, que surgiram durante sua carreira como jogador de futebol, iniciada aos 15 anos, que lhe deram forças para não desistir de seus sonhos. Ex-jogador do Atlético e do Vila Nova, o empresário conta que, mesmo “machucado”, conseguiu treinar e “se tratar de lesões” em times como o Palma, na Bolívia, onde

seu irmão Fausto, jogador goiano, atuou nos anos 1980.

“Quando encerrei a carreira e me casei, atuei anos como representante comercial de confecções e passei a viajar por vários Estados para ganhar o sustento da minha família”, lembra o pai de Nathália Amin, 31, e Lucas Amin, 26, que são hoje, respectivamente, franqueada e administrador na rede Milky Moo. Após essa fase, Paulo Sérgio passou a vender produtos de limpeza, ramo pelo qual também se interessou e aprofundou pesquisas até fundar, em Anápolis, uma pequena fábrica de produtos químicos para higienização de ambientes. O negócio não prosperou por mais de dois anos, o que lhe obrigou a retornar à função de vendedor.

Observador perspicaz da necessidade e dos pequenos prazeres na vida dos consumidores, sua “alma de vendedor” novamente aflorou por mero acaso. Com a ideia fixa de montar uma loja de venda de sapatos, Paulo Sérgio convenceu o amigo Lohan Soares de Oliveira, de 30 anos, a visitar o local pensado para abrir um novo negócio.

O ponto, num shopping na região norte da capital goiana, de sonho tornou-se um pesadelo em função dos altos custos que o negócio custaria à dupla. “O aluguel era caríssimo, o que nos desestimulou. Sentamo-nos no banco do shopping sem esperança. Lohan comprou um milk shake e me ofereceu. Eu nunca tinha tomado aquilo”, lembra entre risos. Paulo Sérgio gostou tanto que falou para Lohan que ali, naquele momento, nascia o novo negócio deles. “Eu enviei uma carta para a rede de milk shake daquele shopping e demonstrei meu interesse em obter uma franquia ou fazer parcerias. Nem me responderam”, relata bem humorado.

Estruturação – A partir daquele dia, empenhado em traçar metas, Paulo Sérgio buscou o trabalho de uma designer para traçar o conceito de sua nova marca de



► Nathália Amin (no alto), franqueada com loja na Região da 44: “Os ingredientes de primeira qualidade fazem a diferença”

milk shake, que, em sua opinião, “já nasceu grande”. “Todo mundo a quem mostrava o projeto aprovava a ideia, gostava do que via. Comecei a testar sabores e pesquisar processos industriais para a fabricação do produto que idealizei para ser o melhor do mercado.”

Logo após uma semana da abertura da primeira loja, em março de 2020, no Sho-

pping Cidade Jardim, a pandemia surgiu como ameaça para seu novo negócio. “Em vez de desistir, resolvemos fazer entregas de milk shake para pessoas que trabalham home office e nos deparamos com o interesse de investidores, quando abrimos mais duas lojas, nos shoppings Buriti Shopping e Bougainville. ■



► **Carlos Roberto Viana (Café Moinho Fino), presidente da Casa/Fieg: foco na questão da rotulagem de produtos**

EMBALAGENS

#Partiu, nova rotulagem na indústria de alimentos!

Novo presidente da Câmara Setorial de Alimentos e Bebidas (Casa), **Carlos Roberto Viana** garante que indústrias terão apoio de todo o Sistema Fieg no processo para atender às novas exigências da Vigilância Sanitária

Renata Santos

Empresários da indústria goiana têm até 2022 para implementar mudanças na rotulagem de seus produtos e terão apoio de todo o Sistema Fieg (Federação, Sesi, Senai e IEL) nesse processo para atender às novas exigências da Anvisa. A afirmação é do empresário Carlos Roberto Viana, que assumiu em maio a presidência da Câmara Setorial

de Alimentos e Bebidas (Casa) da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), com mandato de dois anos.

Segundo o empresário (Café Moinho Fino), a questão da rotulagem será um dos focos de sua gestão na Casa, e de interesse não apenas da grande indústria. “Ainda temos muito para evoluir, para competir num mercado

com toda qualidade e transparência exigidas, traços que também devem estar estampados no rótulo do produto”, explica.

Ele cita como exemplo pequenas indústrias de agricultura familiar do interior da Europa, muitas delas artesanais, como a de queijos e de vinhos, cujos produtos são fabricados por mesmos grupos ao longo de

várias gerações e primam pela rotulagem. “Com matéria-prima e processos produtivos impecáveis, o rótulo também torna o negócio competitivo e garante a credibilidade junto ao consumidor. Essa realidade no exterior é fruto de cobrança governamental e adequação sanitária”, lembra.

O empresário observa que, apesar de avanço na melhoria dos processos de fabricação e na adequação às normas no Brasil, “sofremos com a falta de fiscalização efetiva da própria Vigilância Sanitária”. Ele reclama que o governo também deveria intensificar o combate ao aumento da indústria alimentícia clandestina, que não atua em conformidade com as exigências legais e ainda coloca em risco a saúde do consumidor.

Para ele, em seu ramo de atuação, segmento no qual o Selo da Abic (Associação Brasileira da Indústria de Café) é garantia de procedência e qualidade, muitos problemas são gerados pela venda de café moído sem rotulagem ou com informações duvidosas e incompletas nos rótulos. “Grãos impuros contêm substâncias nocivas, como inseticidas, além de outras, como as usadas na fabricação de adubos, que prejudicam órgãos humanos como o coração e o sistema cardiovascular”, alerta.

Palestras e treinamentos – Para Denise Resende, gerente sindical da Fieg, os industriais terão o prazo de dois anos, ou seja, até o final de 2022, para adequar os rótulos de seus produtos. O prazo começou a ser contado com as publicações da RDC 429 e instrução normativa (IN) 75, de 8 de outubro de 2020. “Por meio de palestras, treinamentos e consultorias on-line e presencial, vamos auxiliar

Alex Malheiros



Denise Resende, gerente sindical da Fieg: auxiliar a indústria a formatar seus rótulos de acordo com exigências sanitárias

a indústria a formatar seus rótulos de acordo com as exigências sanitárias.”

Essa novidade trouxe mudanças na tabela de informação nutricional e nas alegações nutricionais, bem como inovou ao adotar a rotulagem nutricional frontal (frente do produto). Na opinião de Denise Resende, a rotulagem nutricional frontal é a principal inovação da norma, pois esclarece o consumidor, de forma clara e simples, sobre o conteúdo de nutrientes que têm relevância para a saúde. O rótulo deve ser aplicado na parte superior frontal da embalagem e identificar o teor de três nutrientes: açúcares adicionados, gorduras saturadas e sódio.

Denise Resende comenta ainda que a Tabela de Informação Nutricional também passará por mudanças significativas. A primeira delas é que deverá ter apenas letras pretas e fundo branco. Nela, serão obrigatórios a identificação de açúcares totais e adicionados, a declaração do valor energético e nutricional

por 100 g ou 100 ml para ajudar na comparação de produtos, além do número de porções por embalagem.

Essa tabela também deverá ficar próxima da lista de ingredientes, em superfície contínua, sem quebras. Ela não poderá ser apresentada em áreas encobertas, locais deformados ou regiões de difícil visualização. A exceção fica para os produtos pequenos (áreas de rotulagem inferior a 100 cm²), caso em que a tabela poderá ser apresentada em áreas encobertas, desde que acessíveis.

A nova normativa propõe também alterações nas regras atuais em torno das alegações nutricionais para evitar contradições com a rotulagem frontal da embalagem. Uma dica importante, para evitar prejuízo, é não confeccionar grandes quantidades de rótulos que não sejam adequados à nova RDC. Vale lembrar ainda que, quando a norma entrar em vigor, os produtos que estiverem no mercado também terão prazo de adequação de 12 meses. ■

STI SENAI GOIÁS

SUA INDÚSTRIA À

FRENTE

Os Serviços de Tecnologia e Inovação do SENAI Goiás oferecem soluções para que sua empresa ou indústria esteja à frente do mercado e cada vez mais perto do futuro.

62 3219-1429
senaigo.com.br/sti

SENAI
PELO FUTURO DO TRABALHO

PANDEMIA

Indústrias sofrem com retomada lenta e falta de insumos

Em meio à pandemia da Covid-19, que forçou a redução no ritmo da produção, cadeias industriais vivem problemas comuns, como falta de insumos, logística difícil e altos custos

Renata Santos
Fotos: Alex Malheiros

Retomada lenta e falta de insumos são problemas comuns enfrentados pelas cadeias produtivas da indústria em meio à pandemia da Covid-19. Para Silvio de Sousa Naves, presidente do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas e de Material Elétrico do Estado de Goiás (Simelgo) e sócio proprietário da Goyaco, todo o setor produtivo, incluído o metalúrgico, precisou diminuir a fabricação de seus produtos quando o mundo foi assolado pela crise e, agora, sofre as consequências.

“No nosso caso, a falta do aço para as indústrias do mercado interno ainda é uma situação que foi agravada pela alta do dólar. Muitas empresas priorizaram suas exportações para aproveitar a alta cotação do dólar e a demanda interna de aço teve seu abastecimento prejudicado, principalmente com o retorno da produção em larga escala pelo setor industrial da China e dos Estados Unidos, grandes consumidores de nosso aço”, avalia.

Ele diz que, no início da pandemia, o cenário era tão desanimador que os altos fornos foram desligados, o que gerou prejuízos enormes. Em sua opinião, essa situação melhorou no segundo semestre do ano passado, quando se iniciou o religamento, algo muito caro, cerca de R\$ 40, 50 milhões gastos para cada forno voltar a funcionar.

“Essa volta foi mais rápida do que esperávamos no início da pandemia, quando essa retomada nem chegava a ser vislumbrada”, pontua. Para Naves, esse problema da falta de insumos não pode ser solucionado a curto prazo, mas prevalece a expectativa de que o



► **Silvio Naves, do Simelgo:** problema da falta de insumos não pode ser solucionado a curto prazo

equilíbrio entre oferta e procura seja alcançado com a retomada lenta dos altos fornos e, assim, o setor possa atender de forma equilibrada aos mercados interno e externo.

Setor de plástico reclama de estocagem de embalagens

O mercado brasileiro de plástico, que desde o início da pandemia, contabilizou problemas como a falta de matéria-prima e alta do dólar, agora enfrenta queda de pedidos gerada pela corrida por estocagem de embalagem no começo da crise sanitária.

Luiz Antônio Nogueira, presidente do Sindicato das Indústrias de Material Plástico do Estado de Goiás (Simplago), explica que alta do dólar afeta negativamente o setor e toda a cadeia local e nacional. “Cerca de 30% do



► **Luiz Antônio Nogueira, do Simplago:** queda de pedidos gerada pela corrida por estocagem de embalagens

plástico consumido é proveniente do exterior, de países asiáticos e dos Estados Unidos. O restante é fornecido pela Brasken, produtora brasileira de polietileno e prolpropileno.

Ele lembra que, no início da pandemia, o setor sofreu muito com a falta de matéria-prima em decorrência da desaceleração da produção industrial em meio à crise. Depois, no final de 2020, houve nova interrupção pelas indústrias petroquímicas produtoras da matéria-prima, que nessa época paralisam a produção para realizar a manutenção das unidades produtivas.

“Agora, com a retomada da produção, já reflexo da pandemia menos agressiva no mundo, normalizamos nosso abastecimento para aguardamos um aumento do giro das empresas e, conseqüentemente, dos pedidos de embalagens plásticas em nossa cartela, que é mensal”, revela. A expectativa deve-se à que-

da registrada na compra de embalagens. “Em junho, não apenas a indústria goiana como de outros Estados sofre com a queda da demanda interna na compra de embalagens”, reclama.

Membro da Associação Brasileira da Indústria de Embalagem Plástica (Abief), Luiz Antônio informa que essa realidade, do Brasil inteiro, deve-se ao fato de que as pessoas e empresas ainda têm muito produto guardado, estocado, realidade decorrente do medo de que a continuidade da pandemia sem data para terminar prolongasse a falta de matéria-prima e alta nos preços. “Nossa carteira é mensal e estamos na torcida por uma melhora na economia e nas compras”, observa.

Indústria farmacêutica aponta logística e altos custos

A indústria farmacêutica, que antes da pandemia já sofria com a falta de medicamentos, teve o problema acentuado com a crise sanitária global. “A alta do dólar não é o grande problema e nem baliza nossas negociações,

pois sempre compramos a matéria-prima nessa moeda. A dificuldade maior passou a ser a logística e o custo para trazer esses insumos da China, da Índia e da Alemanha, além da menor quantidade de trabalhadores nas linhas de pesquisa, desenvolvimento e produção das fábricas”, destaca Marcelo Perillo, presidente do Sindicato das Indústrias Farmacêuticas no Estado de Goiás (Sindifargo).

Ele explica que os insumos, que já não chegavam em quantidade suficiente, vinham “de passageiro” nos aviões, mas que agora com a escassez dos voos muitas vezes precisam vir em aeronaves fretadas justamente para essa finalidade. “O custo desse transporte subiu de 1% para 12% em dólar. O seguro das cargas, que era praticamente gratuito (SGF), agora na pandemia, com equipes reduzidas para realizar o trabalho, chega a custar 48 mil dólares”, afirma.

Outro agravante destacado por Perillo foi o surgimento de novos investidores e empresas que ingressaram no setor farmacêutico em função da pandemia. “Com isso, aumentou a demanda por insumos e medicamentos e caiu



▶ **Marcelo Perillo, do Sindifargo:** logística difícil, altos custos e falta de mão de obra

a oferta para atender todos. As fábricas estão operando com apenas 45% de pessoal nas áreas de pesquisa e fabricação de medicamentos, o que também impede uma normalização. Com a vacinação, acreditamos numa melhora desse cenário e volta ao normal para o mês de outubro”, prevê Marcelo Perillo. ■

CONFECIONA MAIS MODA

Moda by Santa Helena e Campos Verdes

Projeto liderado pela Casmoda-Fieg e pelo Sinvest ajuda a consolidar polos de moda em cidades do interior de Goiás

Dehovan Lima*

Lançado em meados de abril pela Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), por meio da Câmara Setorial da Moda (Casmoda), o projeto **Confecciona Mais Moda** Municípios Goianos deslançou na velocidade característica dos avanços e lançamentos do mundo fashion, de acelerada atualização e incorporação de novos conceitos. Nem mesmo a pandemia, marcada por estagnação das atividades dos segmentos produtivos em geral, inibiu a adesão de prefeituras à iniciativa da Fieg, voltada à qualificação de

mão de obra e ao desenvolvimento das regiões, a partir da identificação das potencialidades de cada município. Santa Helena de Goiás, na Região Sudoeste Goiano; Campos Verde, no Norte, Pirenópolis, no Entorno do Distrito Federal, e cidade de Goiás, no Noroeste, largaram na frente.

Ainda em abril, o Confecciona Mais Moda, liderado pelo Sindicato das Indústrias do Vestuário no Estado de Goiás (Sinvest), com apoio da Federação Goiana de Municípios (FGM) e parceria estratégica do Senai e IEL



Alex Malheiros

“Esse segmento pode ser considerado herói da resistência. Enfrentamos vários problemas na pandemia, mas estamos de volta, com demandas urgentes das indústrias para qualificar mão de obra nos municípios.”

JOSÉ DIVINO ARRUDA, presidente da Casmoda-Fieg e do Sinvest

Goiás, chegou a Santa Helena de Goiás, onde “juntou a fome com a vontade de comer”, ou seja, reuniu dois interesses em comum. O projeto vai ajudar a consolidar o polo de confecções da cidade, prestes a ser concluído, com perspectiva de gerar em torno de 1,5 mil empregos com a produção de 12 empresas – 7 delas que deverão iniciar suas atividades no antigo prédio da Valec e outras 5 em diferentes pontos da cidade, segundo o prefeito João Alberto Vieira Rodrigues.

“A implantação do Confecciona Mais Moda, voltado a levar as indústrias de confecção aos municípios goianos, teve papel crucial na consolidação de nosso projeto em Santa Helena”, disse o prefeito, ao receber para visita às obras do polo comitiva liderada pelo presidente do Sinvest e da Casmoda, José Divino Arruda, e integrada pelo superintendente do IEL Goiás, Humberto Oliveira, pelo coordenador de Mercado Privado, Cleider da Fonseca, e pelos representantes do Senai e da Fieg, Dario Siqueira e Bartíria Rocha. Além das instalações, eles visitaram confecções da cidade que integrarão o polo.

Incubadora de empresas e escola de costura

Um dos pilares estratégicos da Fieg, o desenvolvimento da indústria da moda, na esteira do projeto Confecciona Mais Moda, também encontrou respaldo em Campos Verdes, que inaugurou, dia 24 de maio, a Incubadora de Empresas e Escola de Costura Amélia Naves, numa parceria que reúne Prefeitura Municipal, GoiásFomento, Sinvest, Fieg, Senai, Federação Goiana de Municípios (FGM) e Câmara de Vereadores.

Ali, o projeto busca disseminar a educação empreendedora, fomentando o fortalecimento dos pequenos e microempreendedores, que terão orientações, espaço para instalação de confecções, escola de costura industrial para formar alunos para trabalhar nas empresas instaladas na incubadora, processos simplificados e desburocratizados, além de incentivos

Lanuzio Vicente



► **Prefeito de Campos Verdes, Haroldo Naves, discursa na inauguração da Incubadora de Empresas e Escola de Costura Amélia Naves**

e conhecimentos que facilitem a abertura e regularização de empresas em Campos Verdes.

“Campos Verdes está trabalhando para se consolidar como polo de confecção de roupas e a expectativa é gerar, inicialmente, 250 empregos com a instalação de empresas do ramo de produção de peças de vestuário”, disse prefeito Haroldo Naves, ao manifestar confiança de que empresas e projetos incubados possam ter sucesso e gerar empregos. Os resultados dessa iniciativa virão ao longo dos anos, segundo ele. “O que iniciamos hoje ficará para nosso município e será um benefício para nossa comunidade. Já temos duas empresas que firmaram a parceria com a prefeitura e contrataram 20 pessoas para trabalhar em suas confecções no espaço cedido pela incubadora.”

Diretor de Operações da GoiásFomento, Fernando Freitas, garantiu que a instituição dará apoio aos empreendedores, destacando que, com as linhas de crédito operadas pela agência, esse segmento da indústria pode se beneficiar muito adquirindo um financiamento favorável, notadamente em tempos difíceis como esses que estamos vivendo. “A GoiásFomento disponibiliza linhas de crédito a juro subsidiado para a compra de máquinas aos empreendedores”, disse.

O presidente do Sinvest da Casmoda, José Divino Arruda, destacou o empenho da

Manoel Paiva



► **João Alberto Vieira Rodrigues, prefeito de Santa Helena de Goiás: Confecciona Mais Moda ajudou a consolidar polo**

administração municipal na consolidação desse projeto. “Em poucos mais de dois meses, o prefeito Haroldo Naves tornou realidade essa incubadora de empresas, comprou as máquinas de costura industrial para formar os alunos na área e hoje estamos aqui entregando esse projeto com empresas já instaladas e contratando pessoas de Campos Verdes”, observou.

O deputado estadual Cairo Salim manifestou otimismo com os novos rumos para Campos Verdes. “Hoje é um dia de festa. Essa incubadora trará empregos e renda para centenas de famílias. Isso aqui é um programa social de verdade que forma as pessoas para o mercado de trabalho e dá estrutura para o cidadão conquistar seu dinheiro. Contem comigo, sou um parceiro dessa cidade e vamos transformar Campos Verdes em uma referência nacional de produção de peças de roupas”, comentou.

A inauguração da incubadora-escola, na Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, reuniu ainda a primeira-dama Paulenia Lopes, o gerente de Prospecção de Negócios da GoiásFomento, Hudson Marçal, o secretário municipal de Desenvolvimento Econômico, Carlos Vaz, vereadores, alunos do curso de costura e funcionários públicos. ■

* Colaboraram **Natália Martins** e **Didimo Neto**

Infraestrutura: a mola do desenvolvimento

A infraestrutura é uma área vital para o desenvolvimento socioeconômico. Formada pelos serviços de transporte de saneamento, energia e telecomunicação, ela contribui decisivamente para o progresso e a evolução de nosso Estado e País. Qualificar a infraestrutura repercute positivamente em muitas áreas, assim como cria melhores condições para a vida em sociedade, gera emprego e desenvolvimento.

Suas quatro macroáreas resultam no crescimento socioeconômico. No Transporte, o investimento em mobilidade urbana, construção de estradas, aeroportos, ferrovias, hidrovias e portos são decisivos para o desenvolvimento econômico de um país. Num exemplo, foram fundamentais para Goiás a conclusão da concessão da Ferrovia Norte-Sul, com previsão de investimento de R\$ 6 bilhões, a renovação em andamento da Ferrovia Centro-Atlântica, de R\$ 4,4 bilhões, e a concessão da BR-153, entre Anápolis (GO) até Aliança do Tocantins (TO), investimento previsto de R\$ 7,8 bilhões.

Na área de Saneamento, o fornecimento de água tratada, a coleta e o tratamento do esgoto doméstico e industrial são serviços fundamentais para a prevenção de doenças e o aumento da qualidade de vida e bem-estar da população. Por isso, foi primordial a aprovação do novo Marco do Saneamento, já sancionado pelo presi-

dente da República, em julho de 2020, e cuja meta é garantir o atendimento a 99% da população com água potável e de 90% com tratamento e coleta de esgoto, até 31 de dezembro de 2033.

A Energia é um dos principais serviços de infraestrutura, tanto na geração, transmissão e distribuição, visto sua importância para os setores residencial, comercial, industrial e agronegócio. Goiás destaca-se na geração em hidroelétrica, fotovoltaica, termelétrica e biomassa. A empresa de distribuição em Goiás investe R\$ 600 milhões/ano em modernização do sistema, capacitação e expansão. A Nova Lei do Gás Natural visa aumentar a concorrência no mercado de gás natural, atraindo novos investidores, trazendo mais competitividade ao setor e, conseqüentemente, reduzindo os custos de produção e o preço final ao consumidor. Segundo o Ministério de Minas e Energia, os investimentos podem chegar a mais de R\$ 95 bilhões. A viabilização de um gasoduto permitirá que 15 municípios goianos recebam investimentos que podem chegar a R\$ 7 bilhões.

A Telecomunicação é um serviço essencial para a vida humana, bem como para todos os setores econômicos. A tecnologia 5G, que será implantada no Brasil, constituirá um marco de qualidade e na velocidade de informações, com investimento previsto de R\$ 400 bilhões. Segun-

“ O Brasil investe menos da metade do que o necessário em infraestrutura, revela um estudo da Associação Brasileira da Infraestrutura de Base (Abdib). Os setores com maior defasagem de investimento são os de saneamento básico, transporte e logística. ”



LEANDRO GODINHO, assessor executivo do Conselho Temático de Infraestrutura da Federação das Indústrias de Goiás (Coinfra-Fieg)

do a Anatel, até 2022 todas as capitais terão que ser atendidas por essa nova tecnologia.

O Brasil investe menos da metade do que o necessário em infraestrutura, revela um estudo da Associação Brasileira da Infraestrutura de Base (Abdib). Os setores com maior defasagem de investimento são os de saneamento básico, transporte e logística. Segundo a Abdib, para o País reduzir os “gargalos” do desenvolvimento econômico-social são necessários R\$ 284,4 bilhões de investimentos por ano — quase 5% do PIB brasileiro por um período de dez anos, ou seja, na atual conjuntura se investe menos 1% do PIB, um completo descaso com o desenvolvimento do País.

O Conselho Temático de Infraestrutura da Federação das Indústrias de Goiás (Coinfra-Fieg) não mede esforços nas discussões de melhoria da infraestrutura de Goiás, condições ao setor produtivo avançar no desenvolvimento. Seja na logística de transporte, com uma malha viária bem cuidada, seja com a garantia para que a indústria não sofra com apagões de energia. Como incentivador do desenvolvimento econômico de Goiás, estamos constantemente articulando com setor público e privado pela melhoria de nossa infraestrutura. Afinal, temos a certeza de que essa área é a mola estruturante do desenvolvimento socioeconômico de Goiás e do Brasil. ■

Saúde emocional é guardiã

“Ao nascer, recebemos magníficos ‘presentes’ ou dons – talentos, capacidades, privilégios, inteligências, oportunidades – que podem ficar em grande parte dormentes, a menos que tomemos decisões e façamos esforços. Dados esses dons, o potencial das pessoas é impressionante, quase infinito. Realmente não temos ideia da capacidade das pessoas. Quanto mais usamos e ampliamos nossos talentos, mais talentos recebemos e maior será nossa capacidade.”

(STEPHEN R. COVEY)

Se imaginamos uma pessoa com “saúde emocional”, como ela é? Penso em alguém em “alta performance”, se sentindo realizada com seus feitos e suas superações. Imagino uma pessoa de bom humor, que transmite alegria e entusiasmo, que busca aprender todos os dias algo a mais. Se chamada a contribuir, colabora buscando soluções em comum.

Olhe os feitos de atletas que se dedicam diariamente aos seus treinos durante anos para chegar a vitórias espetaculares. Outro exemplo são as inovações tecnológicas ao nosso alcance hoje, que não existiriam sem a imaginação, o esforço e o trabalho colaborativo.

As empresas vivem hoje uma revolução em todos os níveis, que exige ágeis

respostas e onde se observa a necessidade de um novo olhar às crenças, aos sentimentos e comportamentos das pessoas.

Observa-se um significativo “custo emocional” no ambiente corporativo, a ser amenizado através de práticas que devem ser conduzidas pela liderança, visando mais “saúde emocional” e mais “saúde e inteligência física”, para gerar mais motivação, mais aprendizado, mais soluções criativas e mais resultados.

Acredite que os “exercícios mentais” são essenciais para a “saúde mental ou emocional”. É ela quem comanda as ações e os resultados de todos nós.

Experimente “meditar” diariamente por 10 (dez) minutos sentindo a sua respiração, o ar entrando no seu corpo e oxigenando suas células, expirando e inspirando no seu melhor ritmo, se concentrando em atitudes positivas (): “mente de principiante, não julgamento, aceitação, deixar ir (desapego, renovar hábitos), confiança, paciência, ausência de esforço (repouso), gratidão e generosidade”.*

Experimente oscilar entre uma hora de trabalho “focado” e dez minutos de descanso no modo “difuso”. Levante da mesa, beba água, caminhe e contemple a natureza, dê risadas e depois volte ao modo focado.

Muitos líderes ensinam e proporcionam essas dinâmicas em seus ambientes e estão colhendo resultados impressionantes.

Quanto mais criarmos um ambiente colaborativo e de aprendizado, menores

“As empresas vivem hoje uma revolução em todos os níveis, que exige ágeis respostas e onde se observa a necessidade de um novo olhar às crenças, aos sentimentos e comportamentos das pessoas.”



Alex Moitinho

CAIRO CÉLIO CRUZ, especialista em Gestão Empresarial e Desenvolvimento Organizacional

serão as doenças emocionais e o custo emocional. Esse é um dos segredos nas empresas que continuam crescendo mesmo em ambientes adversos, criando produtos e serviços inovadores.

Proporcione uma visão comum aos seus liderados com uma plataforma de valores que orientem a sua jornada diária, incentive o feedback (troca de percepções das ações) e desenvolva as habilidades comportamentais em todos os níveis e irá colher resultados superiores e sustentáveis, em um círculo virtuoso e saudável, gerando mais prosperidade a colaboradores, clientes, parceiros, sociedade, acionistas, meio ambiente...

A “Saúde Emocional”? Estará presente, guardiã desta prosperidade. ■

(*) Kabat-Zin, John, *Atenção Plena para iniciantes*, Ed. Sextante.

Stephen Richards Covey (1932-2012), escritor estadunidense, autor do best-seller administrativo (classificado por alguns como livro de autoajuda) **Os Sete Hábitos das Pessoas Altamente Eficazes**, publicado pela primeira vez em 1989, e do livro **Primeiro o Mais Importante**. Foi fundador da Covey Leadership Center em Salt Lake City, Utah, e da “Covey” de Franklin Covey Corporation, que ensina a como fazer planejamentos nas organizações.



Big Brother e o compliance trabalhista

Mesmo não assistindo, você tem uma ideia do que aconteceu que causou tanta comoção na casa do Big Brother, um ótimo comparativo de como funciona uma empresa que não possui controle e diligência de seus diretores e, principalmente, onde inexistente o compliance.

A cultura de uma organização depende diretamente dos diretores, espelho de seus funcionários, cuja forma de comandar impacta diretamente na ação de todos. Por mais que os gestores não tomem conhecimento direto do que ocorre, são responsáveis, já que possuem o dever de conhecer e saber tudo o que acontece na empresa, bem como de proporcionar ambiente de trabalho seguro e sadio.

No início do BBB, foram feitos grupos de pessoas que se impunham pela força, enquanto outros perderam a voz. Ocorre assim uma polarização de ideias, uns com maior habilidade em convencer, com espírito de liderança latente, outros não conseguem se fazer ouvidos e há aqueles que pedem para sair por não aguentarem a pressão.

Câmeras nos banheiros, provas de resistência, incentivo de competitividade excessiva, relacionamentos, um assédio moral nunca visto em reality show, diante da negligência evidente dos diretores do programa.

Um ponto bastante controverso e que

ocorre em algumas empresas é a existência de câmeras em vestiários/ banheiros, além do controle da quantidade de vezes em idas ao banheiro, a obrigação de trabalhar em pé durante toda a jornada de trabalho, com restrição inclusive para se sentar, reprimendas e humilhações, entre tantos outros absurdos.

Aqui não resta dúvida acerca da arbitrariedade perpetrada pela empresa. A existência de câmeras em sua dependência não é proibida, contudo, no vestiário/banheiro em que ocorre troca de roupas fere diretamente a dignidade do trabalhador. O controle de idas ao banheiro e a exigência do trabalho em pé são extremos que a empresa não pode cobrar do funcionário, uma prova de resistência, uma obrigação para chegar ao seu limite físico, o que também fere a dignidade, além de causar doenças relacionadas ao ambiente de trabalho.

Um dos momentos mais expressivos que vimos no programa foi a questão do assédio moral, que, sem uma intervenção direta da alta gestão, ocorre de forma corriqueira no ambiente de trabalho. O empregado às vezes sofre pressão psicológica tão grande a ponto do ambiente se tornar inóspito e não consegue suportar a situação e pede para sair.

Aqui novamente vemos a necessidade da cultura da empresa e a forma com que lida com as notícias recebidas. É necessário que exista uma formalização entre a

“ O BBB mostrou de forma magistral a questão da competitividade extrema que deixa de ser saudável para chegar ao ponto em que as relações internas da empresa se tornam tóxicas, com brigas, relacionamentos impróprios, entre outros, tudo em busca de um prêmio. ”



Alex Malheiros

LAURA CORREA ROCHA, advogada trabalhista empresarial, compliance e LGPD trabalhista

reclamação do funcionário e a empresa, um canal em que as pessoas se sintam à vontade para denunciar algum ato sem medo de alguma represália. A partir daí a empresa deverá proceder uma investigação para tomar as providências que entender cabível.

Com um código de conduta e um regulamento interno, diversas situações poderiam ser evitadas, como brigas, competitividade extrema, assédio moral, o limite do esforço físico. Sem isso, não é possível cobrar uma conduta dos funcionários que não seja efetivamente ilegal, mas é inaceitável na empresa. Importante lembrar que o que não é proibido, é permitido.

O compliance trabalhista é a prática de adequação e possui a finalidade de organizar a empresa. Com ele, mesmo se essas situações ocorressem, os supervisores e diretores saberiam como fazê-las cessar e teriam a confiança necessária nas tomadas de decisões.

O compliance é uma cultura, é um trabalho diário tanto para funcionários quanto para alta gestão. Ou seja, o comprometimento de todos, do topo à base, é essencial para que as mudanças sejam implementadas e essas situações descritas não se tornem corriqueiras ou passem despercebidas na empresa. ■

SINDICATOS COM SEDE NO EDIFÍCIO PEDRO ALVES DE OLIVEIRA

Rua 200, Quadra 67-C, Lote 1/5, nº 1.121 – Setor Vila Nova, em frente à Casa da Indústria – Goiânia-GO, CEP: 74645-230

GERÊNCIA SINDICAL DA FIEG: Denise de Oliveira Resende - Telefone (062) 3224-9226

SINPROCIMENTO

Sindicato da Indústria de Produtos de Cimento do Estado de Goiás

Presidente: Marley Rocha

Fone: (62) 98458-9648 / 98212-9513
sinprocimento@gmail.com

SINDIREPA

Sindicato da Indústria de Reparação de Veículos e Acessórios do Estado de Goiás

Presidente: Mário Arruda

Fone: (62) 3224-0121
sindirepa@sistemafieg.org.br

SINDIAREIA

Sindicato das Empresas de Extração de Areia do Estado de Goiás

Presidente: Luiz Carlos Borges

Fone/Fax: (62) 3501-0062
sindiareia@sistemafieg.org.br

SINDCEL

Sindicato da Indústria da Construção, Geração, Transmissão e Distribuição de Energia no Estado de Goiás

Presidente: Célio Eustáquio de Moura

Fone: (62) 3218-5686 / 3218-5696
(62) 98625-4889
sindcel.go@gmail.com

SIAEG

Sindicato das Indústrias de Alimentação no Estado de Goiás

Presidente: Antônio Benedito dos Santos

Diretora executiva: Denise Resende
Fone/Fax: (62) 3224-9226 / 3224-4253
siaeg@siaeg.com.br

SIAGO

Sindicato das Indústrias do Arroz no Estado de Goiás

Presidente: Jerry Alexandre de Oliveira Paula

NOVO ENDEREÇO
Telefone: (62) 99968-4302.
siago@sistemafieg.org.br

SINDICALCE

Sindicato das Indústrias de Calçados no Estado de Goiás

Presidente: Elvis Roberson

Fone/Fax: (62) 3225-6402
sindicalce@sistemafieg.org.br

SINICAL

Sindicato das Indústrias de Calcário, Cal e Derivados no Estado de Goiás, Tocantins e DF

Presidente: Nilo Bernardino Gomes

Fone/Fax (62) 3223-6667
sinineg@sistemafieg.org.br

SINDICARNE

Sindicato das Indústrias de Carnes e Derivados no Estado de Goiás

Presidente: Leandro Luiz Stival Ferreira

Fone: (62) 3229-1187
sindicarnegoias@gmail.com

SINDICURTUME

Sindicato das Indústrias de Curtumes e Correlatos do Estado de Goiás

Presidente: Emílio Carlos Bittar

Fone/Fax: (62) 3213-4900
sindcurtume@sistemafieg.org.br

SINDIGESSO

Sindicato das Indústrias de Gesso, Decorações, Estuques e Ornatos do Estado de Goiás

Presidente: José Luís Martin Abuli

Fone: (62) 98109-8608
sindigesso@sistemafieg.org.br

SINDILEITE

Sindicato das Indústrias de Laticínios no Estado de Goiás

Presidente: Jair José Antônio Borges

Fone: (62) 3212-1135 / Fax 3212-8885
sinleite@terra.com.br

SIMPLAGO

Sindicato das Indústrias de Material Plástico no Estado de Goiás

Presidente: Luiz Antônio Nogueira

Fone: (62) 3224-5405 / 98304-0013
simplago@sistemafieg.org.br /
simplago.go@gmail.com

SINDIPÃO

Sindicato das Indústrias de Panificação e Confeitaria no Estado de Goiás

Presidente: Marcos André Rodrigues de Siqueira

Fone: (62) 98422-4022
sindipao@sistemafieg.org.br

SIMAGRAN

Sindicato das Indústrias de Rochas Ornamentais do Estado de Goiás

Presidente: Eliton Rodrigues Fernandes

Telefone: (62) 98436-1724
simagran@sistemafieg.org.br

SINCAFE

Sindicato das Indústrias de Torrefação e Moagem de Café no Estado de Goiás

Presidente: Jaques Jamil Silvério

Fone: (62) 3224-4253
sincafe@sistemafieg.org.br

SINVEST

Sindicato das Indústrias do Vestuário no Estado de Goiás

Presidente: José Divino Arruda

Fone: (62) 3225-8933 / 3212-3661 /
98235-1200
sinvest@sistemafieg.org.br

SINDIBRITA

Sindicato das Indústrias Extrativas de Pedreiras e Derivados do Estado de GO, TO e DF

Presidente: Marcus Brandão Lima e Silva

Fone: (62) 3213-0378
sindibrita@sistemafieg.org.br

SIEEG-DF

Sindicato das Indústrias Extrativas do Estado de Goiás e do Distrito Federal

Presidente: Luiz Antônio Vessani

Fone: (62) 3212-6092
sieeg@sistemafieg.org.br

SIGEGO

Sindicato das Indústrias Gráficas no Estado de Goiás

Presidente: Marcos Antônio do Carmo

Fone: (62) 3223-6515
sigego@sistemafieg.org.br

SIMELGO

Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado de Goiás

Presidente: Silvío de Sousa Naves

simelgo@sistemafieg.org.br
Fone/Fax: (62) 3224-4462
simelgo@sistemafieg.org.br

SINDQUÍMICA

Sindicato das Indústrias Químicas no Estado de Goiás

Presidente: Jair José de Alcântara

Fone: (62) 3212-3794 e 98230-1812
sindquimica@gmail.com

SINDMÓVEIS

Sindicato das Indústrias de Móveis e Artefatos de Madeira no Estado de Goiás

Presidente: Nicolas Lima Paiva

Fone: (62) 99954-6101
sindmoveis@sistemafieg.org.br

SINDTRIGO

Sindicato dos Moinhos de Trigo da Região Centro-Oeste

Presidente: Sérgio Scodro

Fone: (62) 3224-4253
sindtrigo@gmail.com

SIFAÇUCAR

Sindicato da Indústria de Fabricação de Açúcar do Estado de Goiás

Presidente: Marcelo de Freitas Barbosa

Presidente-Executivo: André Luiz Baptista Lins Rocha

Fone: (62) 3274-3133 / Fax (62) 3251-1045

SIFAEG

Sindicato das Indústrias de Fabricação de Etanol no Estado de Goiás

Presidente: Marcelo de Freitas Barbosa

Presidente-Executivo: André Luiz Baptista Lins Rocha

sifaeg@terra.com.br

OUTROS ENDEREÇOS

SIMESGO

Sindicato da Indústria Metalúrgica, Mecânica e de Material Elétrico do Sudoeste Goiano

Presidente: Heitor de Oliveira Nato Neto

Rua Costa Gomes, nº 143 Jardim Marconal
CEP 75901-550 - Rio Verde - GO
Fone/Fax: (64) 3623-0591
simesgo1@hotmail.com

SINDUSCON-GO

Sindicato da Indústria da Construção no Estado de Goiás

Presidente: Cezar Valmor Mortari

Rua João de Abreu, 427 - St. Oeste
CEP 74120-110 - Goiânia- GO
Fone: (62) 3095-5155
presidencia@sinduscongoias.com.br

SINROUPAS

Sindicato das Indústrias de Confeções de Roupas em Geral de Goiânia

Presidente: Edilson Borges de Sousa

Rua 1.137, nº 87 - Setor Marista
CEP 74180-160 - Goiânia - GO
Fone/Fax: (62) 3088-0878 e (62) 3202-5567
sinroupas@yahoo.com.br

SEDE ANÁPOLIS

Edifício Capitão Waldyr O'Dwyer

Rua JM-16, Quadra 52, Lote 22, Setor Sul Jamil

Miguel - Anápolis-GO - CEP 75124-200

Fone/Fax: (62) 3324-5768 / 3311-5565

E-mail: fieg.regional@sistemafieg.org.br

FIEG REGIONAL ANÁPOLIS

Presidente: Wilson de Oliveira

SINDALIMENTOS

Sindicato das Indústrias da Alimentação de Anápolis

Presidente: Wilson de Oliveira

sindalimentos@sistemafieg.org.br

SINDUSCON ANÁPOLIS

Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário de Anápolis

Presidente: Anastácios Apostolos Dagios

sindusconaps@sistemafieg.org.br
www.sindusconanapolis.com.br

SINDICER-GO

Sindicato das Indústrias Cerâmicas do Estado de Goiás

Presidente: Laerte Simão

Presidente executivo: Itair Nunes de Lima Jr.

sindicergo@sistemafieg.org.br

SIVA

Sindicato das Indústrias do Vestuário de Anápolis

Presidente: Jair Rizzi

siva@sistemafieg.org.br

SINDIFARGO

Sindicato das Indústrias Farmacêuticas no Estado de Goiás

Presidente: Marcelo Reis Perillo

Presidente-Executivo: Marçal Henrique Soares

sindifargo@sistemafieg.org.br

SIMMEA

Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Anápolis

Presidente: Robson Peixoto Braga

simmea@sistemafieg.org.br

MOVA-SE

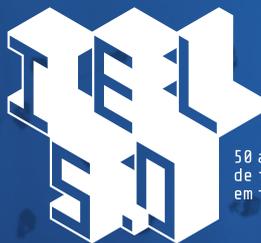
JUNTO COM
O SESI.



Esportes e atividades físicas SESI.
A melhor hora do seu dia.
sesigoias.com.br



Um bom estágio,
um bom lugar pra trabalhar!
Estágio IEL faz a diferença



50 anos
de tradição
em inovar.



PELO FUTURO DA INDÚSTRIA

 @ielgo

 /ielgooficial

ielgoias.com.br